UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE CIÊNCIAS DA SAÚDE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SAÚDE COLETIVA

Alana Dantas Barros

Tecendo Sentidos: a Contribuição da Fonoaudiologia para a Voz e Comunicação de Pessoas Trans e com Identidades de Gênero Diversas.

BRASÍLIA

2023

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE CIÊNCIAS DA SAÚDE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SAÚDE COLETIVA

Alana Dantas Barros

"Tecendo Sentidos: a Contribuição da Fonoaudiologia para a Voz e Comunicação de Pessoas Trans e com Identidades de Gênero Diversas"

Tese apresentada como requisito para a obtenção do Título de Doutora em Saúde Coletiva pelo Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva da Universidade de Brasília.

Orientadora: Profa. Dra. Ana Valéria M. Mendonça.

BRASÍLIA

2023

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE CIÊNCIAS DA SAÚDE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SAÚDE COLETIVA

Alana Dantas Barros

Tecendo Sentidos: a Contribuição da Fonoaudiologia para a Voz e Comunicação de Pessoas Trans e com Identidades de Gênero Diversas

Aprovado em: ___/____/2023

BANCA EXAMINADORA

_____
Profa. Dra. Ana Valéria M. Mendonça (Presidente) - Universidade de Brasília

_____
Profa. Dra. Maria Fátima de Sousa - Universidade de Brasília

_____
Prof. Dra. Flávia do Bonsucesso Teixeira - Universidade Federal de Uberlândia

_____
Prof. Dr. Rodrigo Dornelas do Carmo - Universidade Federal do Rio de Janeiro

_____ _____
Prof. Dr. Edu Turte-Cavadinha (Membro suplente) - Universidade de Brasília

Dedico este trabalho à nova geração da Fonoaudiologia. Para que lembremos de buscar uma prática interligada às questões sociais e culturais, cada vez mais sensível às necessidades dos que servimos.

AGRADECIMENTOS

Gostaria de expressar meus sinceros agradecimentos a todas as pessoas e organizações que tornaram esta pesquisa possível. Quero agradecer à minha família pelo amor incondicional, apoio e encorajamento ao longo desta jornada.

Ao meu companheiro Guilherme, agradeço por sua constante presença, no sentido mais genuíno dessa palavra.

Às minhas orientadoras e professoras, Valéria Mendonça e Fátima Sousa, expresso minha profunda gratidão pela orientação experiente, paciência generosa e sabedoria compartilhada.

Aos membros da banca, agradeço por dedicarem seu tempo para revisar e avaliar este trabalho.

Ao Laboratório ECoS, minha casa dentro da UnB, que me preparou para a vida acadêmica e me levou para o mundo por meio do conhecimento e do ensino afetuoso.

Agradeço à Capes pelo apoio e financiamento que tornou este projeto possível.

Além disso, quero agradecer à Dani Galli, que foi fonte valiosa de trocas de experiências e inspiração ao longo do desenvolvimento da pesquisa em meio à pandemia.

Não posso deixar de mencionar os participantes da pesquisa, suas contribuições foram inestimáveis e se transformaram em sementes frutíferas na construção do conhecimento.

“Até que todos expressem o que somos”

(Voz do Ser)

RESUMO

Há uma crescente relevância da fonoaudiologia na abordagem das questões relacionadas à diversidade de gênero, com ênfase na compreensão do impacto da voz na vida de pessoas trans e na busca por abordagens mais adequadas às suas características de gênero. No entanto, a necessidade de uma reflexão profunda e uma revisão crítica das abordagens de pesquisa e intervenção nesse contexto tem sido ressaltada. Esta pesquisa teve como objetivo analisar a autopercepção comunicativa de pessoas trans em uma intervenção fonoaudiológica na perspectiva do construcionismo social. A metodologia empregada consistiu em uma pesquisa qualitativa baseada na hermenêutica dialética, envolvendo a participação de pessoas trans e com identidades de gênero diversas. Utilizamos oficinas de pesquisa, fundamentadas no construcionismo social aplicado à prática grupal, como a técnica de coleta de dados. Realizamos seis oficinas com 12 participantes, com idades entre 24 e 46 anos. A análise dos dados revelou a capacidade de uma abordagem fonoaudiológica em grupo em reduzir o estresse, aumentar o bem-estar e promover a autoestima, comunicação assertiva e habilidades de enfrentamento, destacando quatro categorias centrais: compartilhamento de experiências, ampliação de perspectivas, validação compartilhada e exploração da autenticidade. Nesse contexto, enfatizou-se a importância de uma abordagem crítica nas práticas fonoaudiológicas, que leve em consideração a complexidade dos significados individuais, coletivos e sociais ao escolher e implementar intervenções. Destacando-se a relevância de abordagens em grupo, como as oficinas, embasadas em teorias sólidas, para analisar vozes e discursos a partir de uma perspectiva que valoriza a prática discursiva relacional em vez de uma análise individualizada. A abordagem de saúde integral, que incorpora a voz e a comunicação como partes integrantes de um atendimento abrangente, promovendo a partilha de conhecimentos e competências, se mostrou fundamental. Assim como o reconhecimento da natureza dialógica dos processos de construção de significados e ressignificação, desempenhando um papel importante tanto para os participantes quanto para os facilitadores dos grupos. Conscientes da complexidade da posição social dos pesquisadores e terapeutas, influenciada por dimensões éticas, políticas, crenças e questões

socioculturais, essa abordagem discursiva oferece uma riqueza de significados a ser explorada no contexto de pesquisa e intervenção, particularmente no campo da fonoaudiologia, onde as questões relacionadas à diversidade de gênero permeiam toda a prática profissional.

Palavras-chave: Fonoaudiologia; Voz; Comunicação; Identidade de Gênero; Transexualidade; Diversidade de Gênero; Saúde Integral.

ABSTRACT

There is a growing relevance of speech therapy in addressing issues related to gender diversity, with an emphasis on understanding the impact of voice on the lives of transgender individuals and in the quest for more gender-appropriate approaches. However, the need for deep reflection and a critical review of research and intervention approaches in this context has been emphasized. This work aimed to develop a voice and communication approach focused on promoting the health of transgender individuals and those with diverse gender identities. The methodology employed consisted of a qualitative research based on dialectical hermeneutics, involving the participation of transgender individuals and those with diverse gender identities. We used research workshops, grounded in social constructionism applied to group practice, as the data collection technique. We conducted six workshops with 12 participants, aged between 24 and 46 years. Data analysis revealed the ability of a group-based speech therapy approach to reduce stress, increase well-being, and promote self-esteem, assertive communication, and coping skills, highlighting four central categories: sharing experiences, broadening perspectives, shared validation, and exploring authenticity. In this context, the importance of a critical approach in speech therapy practices was emphasized, taking into consideration the complexity of individual, collective, and social meanings when choosing and implementing interventions. The relevance of group-based approaches, such as workshops, grounded in solid theories, for analyzing voices and discourses from a perspective that values relational discursive practice over individualized analysis was highlighted. The holistic health approach, which incorporates voice and communication as integral components of comprehensive care, proved to be fundamental. Recognizing the dialogical nature of meaning construction and recontextualization processes played a significant role for both participants and group facilitators. Aware of the complexity of the social position of researchers and therapists influenced by ethical, political, belief, and sociocultural dimensions, this discursive approach offers a wealth of meanings to be explored in the context of research and intervention, particularly in the field of speech therapy, where issues related to gender diversity permeate the entire professional practice.

Keywords: Speech Therapy; Voice; Communication; Gender identity; Transsexuality; Gender diversity; Integral health.

LISTA DE FIGURAS

Figura 01. Representação Estática do Mapa Teórico-Conceitual.

LISTA DE TABELAS

Tabela 01. Descrição dos participantes

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CEP: Comitê de Ética em Pesquisa.

LGBTQIA+: Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais, Queer, Intersexuais, Assexuais. O símbolo “+” abarca as demais orientações sexuais e identidades de gênero, representando pluralidade.

NESP/UnB: Núcleo de Estudos em Saúde Pública da Universidade de Brasília

SUS: Sistema Único de Saúde.

TCLE: Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

WPATH: *World Professional Association for Transgender Health*.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....15

1. DESPERTAR DA CONVERSA (INTRODUÇÃO) …….....17

2. RUMO AO HORIZONTE (OBJETIVOS) ……21

3. TEIA DO CONHECIMENTO (REVISÃO BIBLIOGRÁFICA) 22

4. A BUSCA DAS PERCEPÇÕES (METODOLOGIA).....37

5. TECENDO OS DADOS (RESULTADOS E DISCUSSÃO) 43

5.1 ARTIGO I: Tecendo Sentidos: O Papel das Abordagens Grupais na Atuação da Fonoaudiologia diante da Diversidade de Gênero…….....43

5.2 ARTIGO II: A Percepção de Mulheres Trans quanto à Relação entre Voz e Expressão de Gênero - Um Estudo Qualitativo……..……..…....……66

6. LINHAS ENTRELAÇADAS (CONCLUSÃO)…….....92

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS 94

APÊNDICES 100

ANEXOS.....107

APRESENTAÇÃO

Começarei esta apresentação compartilhando meu comprometimento com a defesa dos direitos das pessoas trans, especialmente o direito a uma atenção integral à saúde, livre de discriminação e preconceito.

Há oito anos atrás, iniciei minha jornada de estudos e pesquisas no campo da saúde da população LGBTQIA+ (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais, Queer, Intersexuais, Assexuais) no Núcleo de Estudos em Saúde Pública da Universidade de Brasília. Participei como pesquisadora em estudos que investigaram o acesso e a qualidade da atenção à saúde, e foi nesse cenário que comecei meu projeto de mestrado. Durante esse período, percorri diferentes estados do país, mergulhando nas complexas intersecções de gênero, saúde, voz e comunicação. Nesse percurso, fui desafiado e transformado por encontros e desencontros com pessoas que generosamente compartilharam seu tempo e experiências em minhas pesquisas.

Comprometi-me a não deixar nosso trabalho simplesmente acumular poeira em uma gaveta, mas sim usá-lo para beneficiar a comunidade trans. Chamo de "nosso trabalho" porque minha parte envolve coletar dados e transformar essas vivências em informações científicas, com o objetivo de provocar mudanças, mesmo que pequenas, em nossa sociedade. Assim, continuo nessa jornada, ciente de que ainda há muito por fazer. Já ouvi de colegas e professores de várias regiões do país que nosso trabalho teve impacto, seja no atendimento de pacientes, na condução de novas pesquisas ou no aumento da compreensão sobre o tema. Acredito que cada passo que damos constrói um degrau para que as próximas gerações continuem a construir e reconstruir o conhecimento.

Esta pesquisa de doutorado é uma extensão desse estudo anterior no campo da Saúde Coletiva. Dada a complexidade do tema, percebemos que a fonoaudiologia, sob uma perspectiva de saúde coletiva, tem um potencial significativo para contribuir ao conhecimento e promoção da saúde integral das pessoas trans. Embora haja avanços na pesquisa científica nesse campo, ainda

existem lacunas a serem preenchidas, especialmente em relação ao acesso à informação e aos serviços de saúde para a população trans.

O acesso a serviços de saúde e informações adequadas, adaptadas às necessidades específicas da população trans, continua sendo um desafio. Embora existam serviços especializados em saúde trans no Sistema Único de Saúde (SUS), esses serviços estão concentrados nas grandes cidades, dificultando o acesso a profissionais, como fonoaudiólogos, para a maioria da população trans no Brasil.

Esta pesquisa se enquadra no campo da Saúde Coletiva e, como tal, leva em consideração os determinantes sociais da saúde. Essa abordagem se baseia em uma visão social do tema, indo além das considerações puramente biológicas e fisiológicas da voz e da transição de gênero. Tento romper com o paradigma binário de gênero, ainda que muitas vezes utilize dele para a construção da tese.

Além disso, apesar de adotar o termo guarda-chuva "pessoas trans" para englobar uma ampla gama de identidades de gênero. É importante observar que a literatura atual, principalmente em âmbito internacional (Coleman *et al.,* 2022), tem adotado a expressão "*gender diverse people*", para a qual ainda não encontrei uma tradução consagrada. Assim, optei por utilizar a frase "pessoas trans e com identidades de gênero diversas" como uma tentativa de abranger a diversidade de experiências de gênero, reconhecendo, no entanto, a limitação e a possibilidade de equívocos semânticos que essa escolha pode implicar.

1. DESPERTAR DA CONVERSA (INTRODUÇÃO)

O presente estudo aborda a temática da voz em seu contexto comportamental e subjetivo, indo além da análise estritamente orgânica e fisiológica. Este enfoque transcende o domínio material do corpo, englobando uma multiplicidade de modos de expressão e, crucialmente, refletindo a subjetividade da pessoa que fala em suas interações com os diferentes interlocutores (Barros, 2017; Azul; Hancock, 2020).

A voz, como objeto de estudo, revela-se passível de transformações e adaptações que são moldadas pelos processos de interação e comunicação nos quais se insere. Dessa forma, a voz pode ser trabalhada de maneira a propiciar uma comunicação que seja congruente com a subjetividade do emissor, flexível o bastante para se adequar aos diferentes contextos comunicativos, e, por conseguinte, fomentar uma comunicação mais autêntica e autoconfiante.

A não conformidade da voz com a identidade de gênero do indivíduo pode desencadear desconforto em diversas interações sociais. A repetição desse desconforto leva a pessoa afetada a adotar mecanismos de autodefesa, muitas vezes resultando na evitação de situações em que possa estar sujeita a exposição. Portanto, a discordância entre a voz e a identidade de gênero do indivíduo pode representar uma barreira substancial no que tange ao acesso e à eficácia da comunicação, especialmente para pessoas trans. Essa barreira pode ter repercussões significativas em outras esferas de suas vidas, como sua participação na educação e no mercado de trabalho (Barros, 2017).

Nesta perspectiva da atenção à saúde integral e da transversalidade entre as políticas de saúde, o campo da saúde coletiva mostra-se fértil para a análise e discussão das questões de saúde e bem-estar. Dentre os elementos com potencial para influenciar as ações em saúde integral, está a voz e a comunicação, de modo que representa um elemento que constitui o corpo de forma material e subjetiva.

Neste sentido ressalta-se a importância da disseminação da abordagem fonoaudiológica como importante na prevenção e promoção à saúde como também integrante das práticas afirmativas em saúde da população trans, especialmente no Brasil. Para tanto há a necessidade de desenvolvimento de abordagens não apenas focadas em protocolos de tratamento clínicos que muitas vezes ainda não são acessíveis para a grande parte desta população, mesmo no Sistema Único de Saúde (SUS) (Barros, 2017). A atuação nesta área requer além de uma preparação técnica uma preparação quanto às especificidades em saúde relacionadas à transição de gênero e uma preparação quanto às questões sociais, culturais e éticas relacionadas à diversidade de gênero (Coleman *et al*., 2022; Azul; Hancock, 2020).

As barreiras de acesso à saúde, geradas tanto pela normatividade de gênero e pela patologização das diversidades podem ser transpostas por meio da adoção de propostas de superação do preconceito e do estigma em saúde por meio do respeito à diversidade e da adoção de abordagens acolhedoras e de saúde integral (Lionço, 2009). Uma vez que a não conformidade com a heteronormatividade é fator determinante nas dificuldades de acesso aos cuidados de saúde, muito ainda deve ser alcançado para garantir o acesso aos serviços de saúde, havendo ainda a necessidade de maiores discussões sobre o tema, através de novas pesquisas e debates, visando aprimorar profissionais e serviços para a atenção à saúde da população trans (Albuquerque *et al*., 2016; Lionço, 2009).

Neste sentido uma abordagem fonoaudiológica a partir de uma perspectiva crítica quanto às questões sociais e subjetivas relacionadas à expressão de gênero, levando em conta os aspectos subjetivos da comunicação e da voz, e a realidade de acesso à saúde no contexto Brasileiro, tem grande potencial para a prevenção e promoção da saúde integral de pessoas trans.

Os estudos na área da fonoaudiologia vêm avançando muito nos últimos anos, porém as abordagens ainda são em sua grande maioria da perspectiva das ciências biológicas, fonoaudiologia e otorrinolaringologia, e com recortes binários de gênero. O que apesar de contribuir grandemente com o conhecimento técnico científico para a área, é insuficiente para alcançar a complexidade que

demonstram ser as questões de voz e comunicação que podem permear a vida, a saúde integral e o processo de transição de gênero de pessoas trans. Além disso, é preciso que as próprias pessoas sejam protagonistas nessa construção dos diferentes meios de intervenção, logo a pesquisa social em saúde apresenta grande potencial de contribuição.

A fonoaudiologia tem pesquisado e atuado cada vez mais com as questões relacionadas à diversidade de gênero, buscando em grande parte dos estudos, compreender como a voz impacta a vida de pessoas trans e como ela pode ser trabalhada sob uma perspectiva de adequação às características de gênero. Apesar disso, a imperatividade de uma reflexão profunda e de uma revisão crítica das abordagens de pesquisa e intervenção no âmbito da fonoaudiologia em relação à diversidade de gênero, tem sido amplamente destacada recentemente por especialistas (Azul e Zimman, 2022; Quinn e Hancock, 2023; Coleman *et al*. 2022). Como também, têm-se delineado propostas concretas e fundamentadas que apontam direções claras, especialmente em relação à postura ética (Quinn e Hancock, 2023) e à orientação teórico-epistemológica adotada no tratamento deste tópico (Azul e Hancock, 2020).

Quanto aos embasamentos teóricos para essa prática fonoaudiológica, atualmente a perspectiva sugerida como uma das mais apropriadas para compreender a voz e a comunicação em relação ao posicionamento sociocultural do falante é a perspectiva biocultural. A partir dela (Azul e Hancock, 2020), diversos fatores atuam de forma contínua e dinâmica na produção da voz e da comunicação, o que a diferencia da perspectiva determinista, por exemplo, que considera essa produção como exclusivamente dependente de aspectos biológicos e físicos.

Nos últimos tempos, a literatura científica internacional tem experimentado uma inovação nos estudos relacionados a intervenções grupais relacionadas à fonoaudiologia e diversidade de gênero (Mills, Stoneham e Georgiadou, 2017; Mills, Stoneham e Davies, 2019). No entanto, nota-se que o cenário na literatura brasileira não vem acompanhando essa tendência.

A pesquisa qualitativa em saúde apresenta uma vasta possibilidade de métodos e técnicas que podem ser compatíveis com diferentes posturas epistemológicas, especialmente quando há a possibilidade de aplicação dessa perspectiva crítica embasada por um referencial teórico capaz de abordar, de maneira ampla, a multiplicidade de possibilidades de construção do conhecimento, distante da busca de uma verdade essencial (Minayo, 2014; Lorenzo, 2021).

A utilização de oficinas, seja de pesquisa ou de intervenção, se mostra como uma possibilidade de construção de sentidos, uma vez que os significados construídos sobre o mundo elaboram maneiras de ser e de se relacionar com o próprio mundo (Spink; Menegon; Medrado, 2015). Nesse sentido, o conhecimento não é desconectado das implicações práticas, o que torna a fronteira entre pesquisa e intervenção uma linha tênue (Mosqueta; Vilela e Souza; Corradi-Webster, 2015). Contudo percebe-se que sua utilização no contexto da pesquisa brasileira é ainda pouco vista (Rasera, 2015).

Diante desse contexto surge a seguinte **pergunta norteadora desta pesquisa**: “Quais abordagens teóricas e ferramentas técnicas são necessárias para compreender, avaliar e intervir nas questões relacionadas à voz e comunicação de pessoas trans e com identidades de gênero diversas?”

2. RUMO AO HORIZONTE (OBJETIVOS)

A partir dessa pergunta de pesquisa foi traçado como **objetivo** analisar a autopercepção comunicativa de pessoas trans em uma intervenção fonoaudiológica na perspectiva do construcionismo social.

A busca por esse objetivo se deu através dos seguintes **objetivos específicos:**

1. Compreender a percepção dessas pessoas sobre o significado da voz e da comunicação em relação à identidade de gênero e aos papéis sociais;
2. Conhecer as estratégias de voz e de comunicação utilizadas por essas pessoas em suas interações sociais;
3. Explorar os efeitos de uma abordagem grupal em voz e comunicação.

3. TEIA DO CONHECIMENTO (REVISÃO BIBLIOGRÁFICA)

O termo "pessoas trans e com identidades de gênero diversas" abrange uma ampla gama de comunidades em nível global, referindo-se a indivíduos cujas identidades ou expressões de gênero não se alinham com o gênero socialmente atribuído ao seu sexo de nascimento. Isso engloba diversas experiências e identidades específicas, algumas das quais podem não se conformar com as concepções ocidentais de gênero ou as terminologias associadas (Coleman *et al*. 2022).

Importante enfatizar a diferença entre diversidade de gênero e diagnósticos. A manifestação de características de gênero, incluindo identidades, que não correspondem às expectativas associadas ao sexo designado ao nascimento é um fenômeno amplamente diversificado e culturalmente influenciado. Importante é não o considerar intrinsecamente negativo ou patológico. Contudo, é lamentável que a não conformidade e diversidade de gênero em termos de identidade e expressão sejam frequentemente alvo de estigmatização em diversas sociedades globais. Esse estigma pode originar preconceitos e discriminação, resultando em um fenômeno conhecido como "estresse de minoria" (Coleman *et al*. 2022).

3.1 VOZ E COMUNICAÇÃO

Os seres humanos se envolvem em práticas de comunicação não apenas para trocar ideias sobre o mundo exterior, mas também para se apresentar como seres socioculturais e negociar formas de endereço, encaminhamento e tratamento de outros que lhes permitam se sentir seguros e respeitados. A voz humana é amplamente considerada como uma das principais modalidades que contribuem para a comunicação do gênero como uma das dimensões da diversidade humana. No entanto, outros aspectos e formas de comunicação (por exemplo, articulação, escolha de palavras, gestos, percepções e atribuições do

ouvinte também precisam ser considerados. A expressão “voz e comunicação” é usada como uma frase que abrange as práticas de criação de significado nas quais cada um dos participantes de um encontro social se envolve de acordo com suas próprias necessidades, desejos, identificações e capacidades (Coleman *et al*. 2022).

As características vocais e os atributos comunicativos representam elementos significativos na atribuição social de gênero, cuja concordância ou discordância com a expressão e identidade de gênero resulta em distintos desdobramentos psicossociais. Consequentemente, pessoas trans e com identidades de gênero diversas podem vivenciar uma ampla gama de angústias relacionadas à forma como seu gênero é interpretado socialmente, sobretudo em relação à sua manifestação vocal e à comunicação interpessoal (Barros, 2017).

Este estudo se concentra na análise da expressão de gênero, com o intuito de compreender as diversas percepções de indivíduos trans e com identidades de gênero diversas. Considerando a voz não apenas como um fenômeno de natureza fisiológica e subjetiva, mas também como um construto social que se materializa nas interações sociais (Barros, 2017), desse modo esta pesquisa se debruça sobre a apreensão das possibilidades de expressão de gênero através da discussão acerca da diversidade dos modos de comunicação, que podem ou não se alinhar com os convencionais padrões binários de gênero. Além disso, buscou-se investigar as conexões que existem entre essas modalidades de expressão de gênero e as dinâmicas das interações sociais entre esses indivíduos.

Embora uma compreensão binária do gênero tenha dominado a literatura de pesquisa nessa área, a abordagem atualmente recomendada implica uma visão amplamente inclusiva da identificação de gênero e o entendimento de que esse gênero não existe isoladamente, mas se entrecruza com outros aspectos da diversidade humana (Coleman *et al*. 2022; Azul e Zimman, 2022; Azul *et al*. 2022; Quinn e Hancock, 2023).

A fonoaudiologia tem pesquisado e atuado cada vez mais com as questões relacionadas à diversidade de gênero, buscando em grande parte dos estudos,

compreender como a voz impacta a vida de pessoas trans e como ela pode ser trabalhada sob uma perspectiva de adequação às características de gênero (Barros, 2017). Apesar disso, a imperatividade de uma reflexão profunda e de uma revisão crítica das abordagens de pesquisa e intervenção no âmbito da fonoaudiologia em relação à diversidade de gênero, tem sido amplamente destacada recentemente por especialistas (Azul e Zimman, 2022; Quinn e Hancock, 2023; Coleman *et al*. 2022). Como também, têm-se delineado propostas concretas e fundamentadas que apontam direções inovadoras, especialmente em relação à postura ética (Quinn; Hancock, 2023) e à orientação teórico-epistemológica adotada no tratamento deste tópico (Azul; Hancock, 2020).

3.2. PERSPECTIVA TEÓRICA

O presente trabalho busca ainda construir uma discussão baseada nas abordagens sociais das questões de gênero em detrimento das abordagens apenas biologicistas e deterministas, as quais são predominantemente utilizadas na produção da literatura científica na área de voz e fonoaudiologia.

No que diz respeito aos fundamentos teóricos desta prática fonoaudiológica, uma perspectiva atualmente difundida, embora também criticada, como uma das mais apropriadas para a compreensão da voz e da comunicação em relação ao contexto sociocultural do orador é a perspectiva biocultural (Azul; Hancock, 2020; Azul *et al*., 2022). De acordo com essa abordagem, vários elementos influenciam de maneira contínua e dinâmica a produção da voz e da comunicação, o que a distingue da perspectiva determinista, que, por exemplo, considera que essa produção depende exclusivamente de fatores biológicos e físicos.

A abordagem da assemblagem biocultural na produção vocal é a mais apropriada para enriquecer nossa abordagem interdisciplinar na prática clínica relacionada à voz e comunicação, levando em consideração o posicionamento

sociocultural do falante. Essa perspectiva, que se baseia nas forças bioculturais que impactam a produção vocal e a comunicação (Azul e Hancock, 2020), não apenas aborda os fatores biológicos e fisiológicos envolvidos no processo de produção vocal, mas também explora as práticas discursivas da comunicação que influenciam a interpretação do posicionamento sociocultural do falante por meio de sua expressão vocal. Ela reconhece que essas práticas comunicativas refletem a identidade do falante, que por sua vez é moldada por influências socioculturais e experiências pessoais.

As forças socioculturais que influenciam a percepção de gênero do falante, são divididas em forças materiais (biológicas e físicas) e socioculturais supraindividuais. Estas últimas se referem a contextos sociais e culturais mais amplos que moldam significados relacionados a gênero, raça, etnia, classe e idade, tanto para o falante quanto para o ouvinte (Azul e Hancock, 2020).

De acordo com essa perspectiva, trabalhar no cruzamento da prática clínica com voz, comunicação e posicionamento sociocultural requer:

1. Reconhecimento da agência contínua e da dinâmica das práticas do falante: como por exemplo práticas de uso da voz e escolhas de estilo de vida.
2. Mediação sociocultural de práticas de construção de significado: o que contempla, dentre outros aspectos, regras e padrões linguísticos, forças normativas e práticas de socialização.
3. Forças materiais externas: por exemplo, mecânicas, químicas, biológicas, térmicas, técnicas.
4. Processos “Bio Psico Fisiológicos”: questões genéticas, hormonais, patogênicas, entre outras.
5. Práticas de escuta: tais como percepções, avaliações, interpretações e atribuições realizadas por outras pessoas.
6. Intervenções profissionais eletivas: como por exemplo, treinamentos comportamentais, treinamento fonoaudiológico, cirúrgicas e medicamentos.

Nessa abordagem nenhum dos agentes é conceituado como capaz de exercer controle sobre outros agentes ou sobre a produção vocal como um todo. Em qualquer encontro, a agência dos diferentes componentes não pode ser inequivocamente separada uns dos outros, nem medida em seus efeitos relativos na produção vocal. Além disso, esses processos, práticas e estruturas não estão limitados em sua operação a momentos específicos no tempo, mas constituem forças contínuas.

Ainda segundo esses autores uma vez que a voz de uma pessoa é influenciada por essas forças, resultando em diferentes características vocais, a interpretação de um posicionamento sociocultural pode ser baseada na expressão vocal. Nesse sentido os ouvintes também desempenham um papel crucial nessa interpretação do posicionamento sociocultural do falante, categorizando a voz em termos sociais e atribuindo significados. Podendo a interpretação variar devido às experiências socioculturais dos ouvintes.

3.3 RECOMENDAÇÕES INTERNACIONAIS ATUAIS

Conforme descrito por Coleman *et al.* (2022) a oitava edição dos *SOC* (*Standards of Care for the Health of Transgender and Gender Diverse People, Version 8*), tem o objetivo de fornecer orientações clínicas abrangentes aos profissionais de saúde para apoiar pessoas transgênero e com diversidade de gênero a acessarem abordagens seguras e eficazes, a fim de alcançarem um conforto duradouro em relação ao seu gênero.

Essa colaboração visa abordar de forma integral as necessidades sociais, mentais e médicas, visando, principalmente, promover o bem-estar, enquanto se respeita plenamente as identidades de gênero das pessoas. Essas diretrizes de cuidado preconizam ainda a adoção de um modelo de atendimento centrado na pessoa, além de revisar diversas recomendações anteriores, tudo isso com o propósito de eliminar as barreiras que podem dificultar o acesso aos cuidados necessários.

De acordo com estas recomendações, o objetivo dos profissionais que prestam a assistência de afirmação de gênero deve ser, antes de tudo, o de estabelecer uma colaboração efetiva com as pessoas trans e com diversidade de gênero. Essa colaboração visa abordar de forma integral as necessidades sociais, mentais e médicas, visando, principalmente, promover o bem-estar, enquanto se respeita plenamente as identidades de gênero das pessoas. Essas diretrizes de cuidado preconizam ainda a adoção de um modelo de atendimento centrado na pessoa, além de revisar diversas recomendações anteriores, tudo isso com o propósito de eliminar as barreiras que podem dificultar o acesso aos cuidados necessários (Coleman *et al*. 2022).

A WPATH atualmente preconiza que profissionais da voz e comunicação devem realizar avaliações personalizadas das necessidades atuais e desejadas de pessoas transgênero em relação à voz e comunicação. Estas avaliações devem abranger a satisfação na representação social, identidade de gênero, percepções alheias, bem-estar e adaptabilidade da voz em diferentes contextos. É crucial que tais profissionais informem de maneira imparcial as opções de intervenção disponíveis para melhorar a voz, a comunicação e o bem-estar, fornecendo dados objetivos sobre os resultados e duração. Os planos de intervenção devem ser personalizados e viáveis, levando em conta a disponibilidade de serviços profissionais, com flexibilidade para ajustar objetivos à medida que o indivíduo transgênero explore mudanças, avalie satisfação e adapte metas conforme necessário (Coleman *et al*. 2022).

Assim como a atuação e pesquisa envolvendo a saúde dessas pessoas deve ser realizada por profissionais e/ou estudantes que tenham uma preparação e recebam educação específica para desenvolver competência em apoiar a função vocal, a comunicação e o bem-estar dessa população (Coleman *et al*. 2022). A educação adequada deve abranger a autoconsciência, a humildade cultural e a capacidade de resposta cultural, permitindo que os profissionais respeitem e atendam às diversas identidades de gênero e outras necessidades das pessoas (Quinn e Hancock, 2023). O respeito às preferências das pessoas em relação a nomes, pronomes e modos de tratamento adequados devem ser respeitadas em

todas as interações. Destacando a importância de usar uma linguagem respeitosa e inclusiva ao se comunicar com essas pessoas, de acordo com suas identidades de gênero e preferências. Além disso, os espaços de atendimento e práticas administrativas, como formulários, por exemplo, devem ser configurados para garantir a segurança e o respeito de toda a diversidade de gênero.

Assim como os especialistas em voz e comunicação que trabalham com essas pessoas precisam adquirir conhecimento prático sobre princípios e mecanismos da modificação da voz e comunicação, bem como compreensão da saúde transgênero, incluindo tratamentos hormonais, cirúrgicos e questões psicossociais específicas. A educação deve incluir métodos e práticas desenvolvidos a partir da inter-relação com essas pessoas e, idealmente, ser ministrada por pessoas trans com experiência e vivência relacionada à voz e comunicação (Coleman *et al*. 2022).

3.4. ESTRESSE DE MINORIAS

O "estresse de minorias", como definido por Meyer (2003), refere-se às pressões psicológicas e sociais únicas que afetam grupos minoritários, como indivíduos trans, devido à discriminação, preconceito e falta de aceitação em uma sociedade predominantemente composta por pessoas cisgêneras e heteronormativas. Esse tipo de estresse vai além dos desafios diários enfrentados por todos e tem raízes na estrutura social. Devido à sua natureza crônica, ele pode aumentar a vulnerabilidade social e potencialmente resultar em problemas de saúde mental, como ansiedade e depressão. Além das formas de preconceito e discriminação comuns na sociedade, o estigma pode levar a abusos e negligência nas interações interpessoais, causando sofrimento psicológico (Meyer, 2003). É crucial destacar que esses sintomas são influenciados por fatores sociais e não são inerentes às questões de identidade de gênero em si (Coleman *et al*. 2022).

Dentro do modelo de estresse de minorias, o bem-estar das pessoas com identidades de gênero diversas é afetado por desafios e recursos que podem atuar como obstáculos ou facilitadores para o seu bem-estar. Esses desafios e recursos se manifestam de duas maneiras: externamente, em relação às pessoas com identidades de gênero diversas, denominados processos distais, e internamente, quando essas pessoas aplicam esses desafios e recursos a si mesmas, conhecidos como processos proximais (Meyer, 2003).

Os fatores distais podem originar-se de várias fontes, incluindo práticas de parceiros de conversação, práticas profissionais ou influências bioculturais que operam em níveis superiores ao individual. Por outro lado, os fatores proximais podem estar relacionados às práticas de comunicação, abrangendo comportamentos, pensamentos e emoções (Azul *et al*., 2022).

3.5 CAPACIDADE DE RESPONSIVIDADE CULTURAL

O conceito de responsividade cultural vem sendo atualmente defendido (Smith, 2020; Azul *et al.* 2022), como fundamental nas novas abordagens da fonoaudiologia que visam o suporte ao bem estar de pessoas trans e de gêneros diversos. Baseados nas orientações da literatura contemporânea em saúde mental, defende-se uma abordagem transpositiva, afirmativa, crítica das normas e centrada na pessoa como um pilar essencial na prevenção da estigmatização, patologização da diversidade de gênero e micro agressões na prática profissional.

Utiliza-se a noção de capacidade de resposta cultural em um sentido amplo para se referir a um compromisso com o processo ao longo da vida de tornar-se mais eficaz na prestação de serviços em todas as culturas. Essa conceituação é distinta do termo "competência cultural" que, uma vez alcançada, pode ser entendida como se referindo a uma característica estável que faz parte das capacidades profissionais de uma pessoa e que elas serão capazes de manter sem esforço no futuro (Azul e Zimman, 2022).

Na noção de responsividade cultural são enfatizados os valores éticos e princípios, com destaque para a abordagem centrada na pessoa (Quinn e Hancock, 2023), que tem sido historicamente relevante no desenvolvimento de abordagens em saúde, sobretudo com populações vulneráveis (Spink; Menegon; Medrado, 2015; Azul *et al.* 2022). Além de abordar a crítica das normas e o reconhecimento do gênero como um aspecto cultural que requer reflexão, sensibilidade e humildade, tópicos recentemente explorados na literatura fonoaudiológica. Práticas culturalmente responsivas consideram as posições socioculturais, perspectivas, crenças e valores dos clientes em todos os aspectos da educação e prestação de serviços. Isso se alinha com a abordagem centrada na pessoa, garantindo que a perspectiva individual seja integralmente considerada, evitando generalizações culturais (Azul *et al.* 2022; Quinn e Hancock, 2023).

Em um estudo com o objetivo de explorar, interdisciplinarmente, maneiras alternativas de conceituar as dimensões socioculturais das práticas comunicativas em pesquisas sobre voz e comunicação relacionadas à diversidade de gênero Azul e Zimman (2022), trazem a noção de pesquisa culturalmente responsiva. Na qual deve-se prestar atenção aos detalhes das vidas individuais conforme vivenciados e representados pelos próprios participantes da pesquisa. Isso implica em afastar a tendência de favorecer métodos experimentais centrados no pesquisador que generalizam descobertas para grupos específicos de pessoas, sem considerar além do posicionamento sociocultural, demais marcados sociais. Por exemplo, a pesquisa sobre gênero e a voz geralmente faz generalizações para "mulheres" e "homens" sem especificar outros aspectos da identidade dos participantes, como raça/etnia, classe social, língua nativa, condições de acesso à saúde e assim por diante (Azul; Zimman, 2022).

3.6 ABORDAGEM CENTRADA NA PESSOA

A abordagem centrada na pessoa (Quinn e Hancock, 2023) desempenha um papel fundamental ao oferecer cuidados ou conduzir pesquisas relacionadas à prestação desses cuidados à comunidade de pessoas trans e de gêneros diversos. Os cuidados centrados na pessoa têm como objetivo levar em consideração as variabilidades individuais, uma vez que enfatizando que uma abordagem generalizada raramente é tão eficaz quanto aquela que aborda as necessidades individuais. Uma característica definidora dos cuidados centrados na pessoa é a atribuição de agência às pessoas em sua jornada de cuidados de saúde (Azul; Hancock, 2020; Quinn e Hancock, 2023), nessa abordagem, os objetivos individuais de uma pessoa são priorizados e desenvolvidos por meio da colaboração com aqueles que prestam cuidados, em contraste com um modelo no qual o cuidado é "prescrito" com base no julgamento do provedor de saúde, com pouca consulta à pessoa.

Em outras palavras, o poder é compartilhado ou concedido à pessoa, em vez do provedor de cuidados. Os cuidados centrados na pessoa são considerados a melhor prática em uma variedade de contextos de cuidados de saúde, mas têm benefícios particulares no contexto dos cuidados de afirmação de gênero, onde as necessidades individuais são tão diversas. No treinamento de voz para afirmação de gênero, por exemplo, o processo de estabelecimento colaborativo de metas e adaptação do treinamento às necessidades individuais, objetivos, preferências e habilidades de cada pessoa é visto como fundamental (Mills et al., 2020; Azul et al., 2022; Quinn e Hancock, 2023).

3.7. PESQUISA E INTERVENÇÃO EM GRUPOS

Nos últimos tempos, a literatura científica internacional tem experimentado uma inovação nos estudos relacionados a intervenções grupais relacionadas à fonoaudiologia e diversidade de gênero (Mills, Stoneham e Georgiadou, 2017; Mills, Stoneham e Davies, 2019). No entanto, nota-se que o cenário na literatura brasileira não vem acompanhando essa tendência.

A pesquisa qualitativa em saúde apresenta uma vasta possibilidade de métodos e técnicas que podem ser compatíveis com diferentes posturas epistemológicas, especialmente quando há a possibilidade de aplicação dessa perspectiva crítica embasada por um referencial teórico capaz de abordar, de maneira ampla, a multiplicidade de possibilidades de construção do conhecimento, distante da busca de uma verdade essencial (Minayo, 2002; Minayo 2014; Lorenzo, 2021).

A utilização de oficinas, seja de pesquisa ou de intervenção, se mostra como uma possibilidade de construção de sentidos, uma vez que os significados construídos sobre o mundo elaboram maneiras de ser e de se relacionar com o próprio mundo (Spink; Menegon; Medrado, 2015). Nesse sentido, o conhecimento não é desconectado das implicações práticas, o que torna a fronteira entre pesquisa e intervenção uma linha tênue (Mosqueta; Vilela e Souza; Corradi-Webster, 2015). Contudo percebe-se que sua utilização no contexto da pesquisa brasileira é ainda pouco vista (Rasera, 2015).

3.8. NÃO FAÇAMOS GENERALIZAÇÕES

É importante destacar que nem todas as pessoas trans e com identidades de gênero diversas enfrentam desafios relacionados à voz e comunicação, e algumas delas podem não desejar apoio profissional nesse contexto (Barros, 2017). No entanto, como destacado por Coleman *et al*. (2022) aqueles que buscam esse suporte geralmente encontram obstáculos no acesso aos serviços de saúde necessários, como demonstrado em estudos realizados, a proporção de pessoas que expressam interesse em receber treinamento vocal e comunicação ou cirurgia de voz geralmente supera a proporção daquelas que realmente passaram por essas intervenções. Além disso grupos de pessoas que enfrentam uma maior marginalização em suas sociedades, experienciam mais discriminação e enfrentam ainda mais barreiras de acesso a esses serviços de saúde (Barros, 2017; Coleman *et al*. 2022).

3.9 TELESSAÚDE E FONOAUDIOLOGIA

Uma vez que esta pesquisa foi adaptada para o ambiente online em virtude da pandemia da COVID-19, considerou-se pertinente discorrer sobre a abordagem da fonoaudiologia no contexto da telessaúde.

A telessaúde não é uma prática recente em fonoaudiologia, vem sendo realizada e estudada nos últimos dez anos. O Brasil, um dos pioneiros na realização de pesquisas na área, incentiva e possui uma regulamentação própria (Resolução do CFFa no 427/2013) quanto a esta prática, que engloba: Teleconsultoria, Segunda Opinião Formativa, Teleconsulta, Telediagnóstico, Telemonitoramento, e Tele-educação (Resolução do CFFa no 427/2013; Molini-Avejonas, *et al*., 2015).

Os avanços na telessaúde resultaram em um aumento notável no uso de recursos tecnológicos remotos para triagem, avaliação, intervenção e educação em saúde, particularmente em distúrbios na fala, linguagem e audição. No entanto, apesar do crescimento e dos estudos sobre telessaúde, ainda é necessário expandir sua aplicação nos serviços de fonoaudiologia e avaliar seu uso. Os avanços das tecnologias de informação e comunicação criaram condições favoráveis para a prestação de cuidados à distância em várias áreas da saúde. Entre os benefícios identificados nos artigos revisados, o aumento do acesso aos cuidados de saúde se destaca, com potencial para reduzir o tempo de deslocamento, melhorar a acessibilidade em comunidades específicas, promover atendimento centrado no paciente e permitir que profissionais alcancem um maior número de pacientes. A telessaúde tem grande potencial para ser usada na prestação de serviços de saúde de rotina, tanto em áreas rurais quanto urbanas (Molini-Avejonas, et al., 2015).

Com a pandemia do no coronavírus em abril de 2020 o Conselho Federal de Fonoaudiologia, com o apoio da Sociedade Brasileira de Fonoaudiologia reviram as recomendações quanto à atuação profissional por meio da telessaúde e publicou atualização da Resolução que regulamenta a prática no país (Recomendação CFFa nº 20, 2020).

Há diretrizes de prática clínica na atenção à saúde de crianças e adolescentes trans por meio da teleprática (ASHA, 2016) que descreve os papéis do fonoaudiólogo nesse tipo de cuidado, podendo incluir: exploração e suporte ao próprio estilo de voz e comunicação do adolescente, considerando as mudanças que ocorrem durante a transição; educação sobre desenvolvimento da voz, saúde vocal e comunicação eficaz; ensino de produção vocal eficiente, com foco nas características específicas de gênero e na percepção do ouvinte; e oferecendo opções de treinamento, incluindo práticas autoguiadas e consultas de telessaúde, quando disponíveis.

As ações de saúde com a população trans no ambiente online foi estudada na fonoaudiologia (Davies; Papp; Antoni, 2015) mas também em outras áreas da saúde como a psicologia, Strauss realizou um estudo qualitativo no ambiente virtual com jovens trans e com diversos gêneros, população que apresenta alto risco de problemas de saúde mental e que historicamente enfrentam barreiras à serviços tradicionais de saúde mental, comumente encontrando profissionais de saúde inexperientes e/ou sofrendo discriminação. Foram realizados grupos focais e foram analisadas as percepções dos participantes quanto a intervenção em saúde mental por meio de jogos digitais (Strauss *et al*., 2019).

3.10 INFORMAÇÃO E EDUCAÇÃO EM SAÚDE

Nos processos de feminilização ou masculinização da voz e da comunicação algumas pessoas, inicialmente, estão interessadas principalmente em uma avaliação da sua fala e em uma opinião profissional sobre o que estaria envolvido nas mudanças no decorrer do processo de transição de gênero. Sendo que informações profissionais sobre opções terapêuticas podem ajudar a tomar decisões sobre aspectos médicos e sobre diferentes tipos de intervenção relacionados à transição de gênero (Davies; Papp; Antoni, 2015).

Assim, é fundamental a educação e a disseminação de informações em diversas áreas, a exemplo: como a voz é produzida; diferenças fisiológicas nos sistemas biológicos de produção da voz com características neutras, masculina e feminina; como essas diferenças afetam a produção de voz e a percepção do ouvinte; parâmetros de voz e comunicação relevantes para o gênero, específicos da comunidade (linguística e cultural); opções de tratamento, possíveis; riscos e possíveis resultados; assim como estratégias para evitar fadiga ou lesão vocal (Davies; Papp; Antoni, 2015).

Algumas pessoas trans têm informações precisas sobre voz e comunicação, enquanto outras podem acessar informações inconsistentes, sobretudo na internet. Projetos de intervenção são realizados para pessoas trans, mas as abordagens de prevenção e promoção são pouco comuns. Um estudo de Dacakis (2012) mostrou que um programa de exercícios vocais pode ser útil, especialmente para terapia a distância, usando software de telecomunicações, podendo beneficiar por exemplo mulheres trans no início da transição de gênero que estão em lista de espera para terapia de voz ou não têm acesso imediato à intervenção e apoio profissional.

3.11 A PERSPECTIVA DESTE TRABALHO

A perspectiva aqui apresentada é de que a relação entre o referencial teórico e o problema de pesquisa oferece potencial para enriquecer a compreensão dos impactos dessas interações na vida social dessas pessoas, assim como sua influência nas suas interações com o mundo em termos de educação, trabalho, acesso a espaços sociais e saúde. Essa abordagem se pauta na ideia de que uma análise crítica da diversidade, das oportunidades e barreiras, e das necessidades de expressão de gênero, baseada nas percepções das próprias pessoas, pode contribuir para a formulação de estratégias de ação que reflitam as realidades desses indivíduos. Importante ressaltar que não se busca estabelecer generalizações ou verdades absolutas, mas sim aproximações que

possibilitem a proposição de abordagens que repercutam em esferas acadêmicas e profissionais, abrangendo áreas como saúde e educação, bem como influenciando a formulação de políticas de saúde pública.

Com o intuito de facilitar a compreensão do arcabouço teórico adotado, elaborou-se um mapa teórico conceitual que está disponibilizado na Figura 01. Este mapa estabelece conexões entre o tema central da pesquisa, seus subtemas e os referenciais teóricos pertinentes.

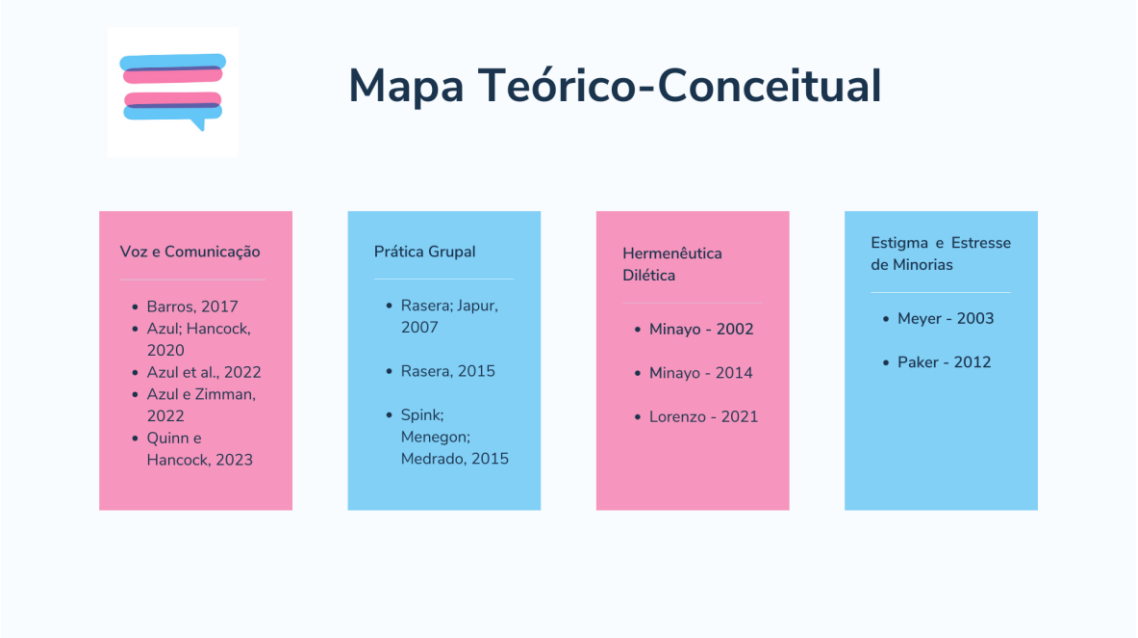

Figura 01. Representação Estática do Mapa Teórico-Conceitual.

4. A BUSCA DAS PERCEPÇÕES (METODOLOGIA)

Trata-se de uma pesquisa de abordagem qualitativa, fundamentada na abordagem metodológica da hermenêutica dialética (Minayo, 2002 e 2014;

Lorenzo, 2021), desenvolvida com pessoas trans e com identidades de gênero diversas. Os critérios de inclusão foram pessoas maiores de 18 anos que se identificassem como pessoas trans ou com gênero diverso. Não foram estipulados critérios de exclusão relacionados à identidade de gênero. Foram realizadas seis oficinas com a participação de 12 pessoas.

Devido ao contexto da pandemia da COVID-19, foi necessário adaptar a técnica de coleta de dados para o ambiente virtual, desse modo todo o contato com as pessoas convidadas para participar da pesquisa, assim como a aplicação da metodologia foram realizadas de modo online por meio de plataformas virtuais.

A composição da amostra se deu através da técnica de bola de neve, na qual uma das pessoas participando, inicialmente convidada, indicava uma nova pessoa. Não houve definição prévia de quantidade de participantes por se tratar de pesquisa qualitativa, sendo próprio do método hermenêutico dialético a composição da amostragem por saturação, na qual a própria prática de análise indica quando os dados necessários para atender aos objetivos do estudo já começam a se repetir, sem adicionar contribuições (Lorenzo, 2021).

O contato inicial com as pessoas se deu por meio das mídias sociais, a partir do qual as pessoas recebiam uma explicação sobre os objetivos da pesquisa, a metodologia a ser aplicada e uma explicação sobre o posicionamento ético e profissional da pesquisadora.

A técnica selecionada para a coleta de dados foi a realização de oficinas grupais de pesquisa, as quais foram construídas e desenhadas a partir da perspectiva teórico-metodológica do construcionismo social aplicado à prática grupal (Rasera e Japur, 2007). Além disso, as práticas vocais propostas foram embasadas em conceitos de autopercepção vocal e psicodinâmica vocal (Behlau, 2005) e as práticas em voz e comunicação envolvendo diversidade de gênero inspiradas nos estudos de Mills e Stoneham (2017). Estas oficinas receberam o nome de “Ateliês de Comunicação” e foram desenvolvidas em formato de roteiro semiestruturado (APÊNDICE A).

4.1 TECENDO EXPERIÊNCIAS EM COMUNICAÇÃO - OS “ATELIÊS DE COMUNICAÇÃO”

A ideia de pesquisar e trabalhar as questões fonoaudiológicas em grupos terapêuticos é uma forma de discutir e refletir como os tópicos estudados estão reverberando no contexto social real da vida dos participantes (Mills; Stoneham, 2017) em espaços para trocas de experiências, no qual o grupo possa compartilhar suas vivências individuais, conhecer a perspectiva dos pares e a partir do entrelaçamento dos encontros seja possível o surgimento de novas teias de sentido. Sendo então os “Ateliês de Comunicação”, além de espaços de composição de sentidos para as pessoas participantes, o instrumento metodológico prático de desenvolvimento da pesquisa, busca dos objetivos iniciais e fonte disparadora de propostas e novos questionamentos para a pesquisadora (Minayo, 2002; Spink; Menegon; Medrado, 2015; Lorenzo, 2021).

A escolha do termo "tecer" neste estudo é respaldada pela riqueza semântica atribuída a essa palavra, conforme definida no dicionário Caldas Aulete Digital (2020). Nesse contexto, a utilização de "tecer" se baseia no seu sentido de "inserir-se no centro, entrelaçar e intercalar". Tal escolha reflete a essência dos Ateliês de Comunicação, os quais se propõem a criar uma experiência enriquecedora de situações comunicativas. O objetivo subjacente é a redefinição da utilização da voz, da comunicação e da linguagem, evitando a perpetuação de estereótipos de dominação e gênero.

Nossa abordagem nos Ateliês de Comunicação transcende as práticas puramente fonoaudiológicas, abraçando uma ampla gama de recursos. Essa abordagem multifacetada proporciona uma plataforma para a exploração e vivência de uma perspectiva de saúde integral, que considera os determinantes sociais da saúde. Além disso, abrange a influência do estresse enfrentado por minorias, enquanto se mantém atualizada com as mais recentes teorias e práticas no campo da voz, comunicação e gênero.

Dessa forma, a utilização do termo "tecer" reflete a intenção intrínseca de entrelaçar as complexas questões relacionadas à voz e à comunicação em um tecido social mais inclusivo e equitativo, no qual a diversidade de experiências e identidades seja valorizada e respeitada.

A metodologia do ateliê seguiu um roteiro estruturado (APÊNDICE A), que compreende diferentes etapas destinadas ao compartilhamento de relatos pessoais acerca de experiências, vivências, desafios e expectativas relativas à voz e à comunicação interpessoal dentro deste contexto social e cultural. Durante essas atividades, também foram realizadas práticas de autopercepção vocal, criando assim um espaço para de vivência e experimentação de diferentes técnicas vocais e de comunicação, bem como seus diversos efeitos.

Os “Ateliês de Comunicação” foram realizados sob a forma de oficinas de discussão, nos quais os participantes foram alocados de acordo com sua disponibilidade para participar. Importante ressaltar que não houve segregação baseada em características individuais, incluindo identidade de gênero. Esta abordagem foi adotada, pois as discussões relativas à questão de gênero e aos papéis sociais associados a ela demonstraram ser mais enriquecedoras e variadas quando os participantes não foram preestabelecidos em categorias definidas pela pesquisadora.

A condução dos ateliês foi realizada pela pesquisadora responsável, que possui formação em fonoaudiologia, e contou com o apoio de pesquisadoras auxiliares que estavam em processo de graduação na área de fonoaudiologia. A composição dos grupos incluiu mulheres transexuais, homens trans e indivíduos com identidades de gênero diversas.

Os encontros contaram com um número mínimo de dois e um máximo de seis participantes, tiveram uma média de duração de 100 minutos cada, foram registrados em áudio e vídeo e, posteriormente, transcritos para análise. As transcrições passaram por uma análise baseada nas técnicas do método da hermenêutica-dialética (Minayo, 2002 e 2014; Lorenzo, 2021).

.

4.2 CONSIDERAÇÕES E REFLEXÕES ÉTICAS

A pesquisa foi registrada no Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade de Ciências da Saúde da Universidade de Brasília, sob o nº 51975315.4.0000.0030 e aprovada pelo parecer nº 5.035.812. Todas as pessoas participantes assinaram eletronicamente o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) (APÊNDICE B) e o Termo de Cessão de Uso de Imagem e Voz para Fins Científicos e Acadêmicos (APÊNDICE C), concordando com a participação na pesquisa e uso das informações coletadas, atendendo à Resolução nº 466/2012-CNS e suas complementares.

Considerando as dificuldades e barreiras de acesso enfrentadas pelas pessoas trans em seus itinerários de saúde e refletindo quanto a necessidade de respeito à identidade de gênero e privacidade das pessoas, cabe criticar e refletir acerca da necessidade de adequação dos atendimentos em saúde (Arán; Zaidhaft; Murta, 2008; Hancock, 2011; Hancock; Haskin, 2015), assim como das pesquisas em saúde envolvendo esta população. Uma vez que essas pessoas, ao serem atendidas em um serviço de saúde ou participar de pesquisas científicas, podem sofrer discriminação devido ao estigma relacionado à diversidade expressão de gênero, e quando participantes de pesquisas científicas, não serem expostas a situações inadequadas, constrangedoras, invasivas e antiéticas (Barros, 2017).

Como pesquisadora, tenho ciência da influência da violência estrutural e dos riscos de reprodução desse tipo de violência enquanto profissional e pesquisadora da saúde (Parker, 2012). Mas atenta e reflexiva aos cuidados necessários quanto à postura e à abordagem adequadas.
Prezando pelo respeito aos fatores importantes como o respeito ao nome de cada pessoa, o uso de pronomes de tratamento adequados, uso de linguagem neutra quando aplicável, e respeitando a privacidade, sem reproduzir violências comuns no meio como a formulação de perguntas invasivas, constrangedoras e

desnecessárias, e o desconhecimento sobre as questões sociais e específicas de saúde da população trans.

Para caracterização das pessoas participantes, foi aplicado individualmente um questionário prévio online (APÊNDICE D), o qual foi analisado de forma descritiva. No primeiro contato entre as pessoas participantes e a equipe de pesquisa, durante o convite para participação, foram apresentados os objetivos da pesquisa, aplicação do questionário inicial online e aproximação individual.

4.2 PARTICIPANTES

Nesta seção, descreveremos os participantes da pesquisa, destacando suas características demográficas e informações relevantes. A fim de proteger a identidade dos participantes, utilizamos pseudônimos que se referem a estilistas mundialmente renomados.

Tabela 01. Descrição dos participantes

Pseudônimo	**Idade**	**Gênero**	**Atividade/ Profissão**	**Cidade-UF**
1. **Anne**	31	Mulher Trans	Professora de Canto	São Paulo - SP
2. **Cris**	46	Não-Binário	Profissional Liberal na área de Publicidade e Estudante de Graduação	Salvador - BA
3. **Stella**	26	Mulher Trans	Arquiteta e estudante de tatuagem	Padre Bernardo - Goiás
4. **Yves**	24	Homem Trans	Trabalha e é Estudante de Graduação	Brasília - DF
5. **Diane**	28	Mulher Trans	Trabalha e é	Paranoá - DF

				Estudante de Curso Técnico	
6.	**Marc**	26	Homem Trans	Trabalha, tem formação em Pedagogia e está fazendo cursos de especialização	Planaltina - GO
7.	**Karl**	35	Homem Trans	Trabalha como Analista de Customer Experience	São Paulo - SP
8.	**Ralph**	29	Homem Trans	Atendente de Telemarketing	Fortaleza - CE
9.	**Gianni**	26	Não-Binário	Formado e trabalha com Produção Cultural	Niterói - RJ
10.	**Valentino**	25	Homem Trans	Tradutor	Brasília - DF
11.	**Vivienne**	30	Mulher Trans	Biomédica e Estudante	Brasília - DF
12.	**Calvin**	32	Homem Trans	Estudante de Graduação e Trabalha como Autônomo	Taguatinga - DF

A tabela 01 apresenta uma visão geral dos participantes da pesquisa, incluindo seus pseudônimos, idade e gênero. Os pseudônimos foram escolhidos com o objetivo de garantir a confidencialidade e privacidade dos participantes, ao mesmo tempo em que servem como um elemento intrínseco à metodologia desenvolvida dos "Ateliês de Comunicação".

A escolha de pseudônimos inspirados em estilistas renomados está profundamente enraizada no conceito dos "Ateliês de Comunicação" que buscam entender e dar voz às experiências únicas de indivíduos trans e não binários. Assim como os estilistas renomados criam peças de moda que expressam identidade e individualidade, os participantes desta pesquisa têm a oportunidade de articular suas identidades, expressões de gênero e narrativas

pessoais de uma maneira que ressoa com a criatividade e o cuidado associados a esses nomes de destaque.

Os "Ateliês de Comunicação" representam não apenas um espaço de coleta de dados, mas um ambiente onde a comunicação é tratada como uma forma de expressão artística, onde os participantes são incentivados a tecer significados em suas vozes, compartilhando suas histórias de uma maneira autêntica e segura. Essa abordagem incorpora a ideia de que a comunicação é uma forma de auto expressão, semelhante à moda, onde as identidades são construídas, desconstruídas e recriadas com cuidado, respeito e auto observação e expressão.

5. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados e discussão serão apresentados em forma de dois artigos científicos. Destaco que cada artigo está formatado de acordo com as revistas às quais foram submetidos (quais?). O primeiro artigo denominado “Tecendo Sentidos: O Papel das Abordagens Grupais na Atuação da Fonoaudiologia diante da Diversidade de Gênero”. O segundo artigo denominado “A percepção de mulheres trans quanto à relação entre voz e expressão de gênero - um estudo qualitativo.

5.1. ARTIGO I: TECENDO SENTIDOS: O PAPEL DAS ABORDAGENS GRUPAIS NA ATUAÇÃO DA FONOAUDIOLOGIA DIANTE DA DIVERSIDADE DE GÊNERO.

Resumo

Este estudo analisou a contribuição da abordagem fonoaudiológica em grupo para pessoas trans e com identidades de gênero diversas, explorando suas percepções sobre voz e comunicação. Foram realizadas seis oficinas com 12

participantes, seguidas de análise qualitativa. Emergiram quatro categorias centrais: compartilhando experiências, ampliando perspectivas, validação compartilhada e explorando a autenticidade. Essa abordagem mostrou potencial para reduzir o estresse, promover o bem-estar, autoestima, comunicação assertiva e habilidades de enfrentamento em minorias de gênero. Destaca-se a importância de uma análise crítica das abordagens de pesquisa e intervenção em fonoaudiologia relacionadas à diversidade de gênero. Isso fortalece a visão da saúde integral que incorpora voz e comunicação como elementos essenciais no atendimento centrado na pessoa e na partilha de conhecimentos.

Palavras-chave: Fonoaudiologia, voz, comunicação, identidade de gênero, transexualidade, diversidade de gênero, saúde integral.

Weaving senses: the contribution of speech therapy to voice and communication of trans and with various gender identities

Abstract:

This study analyzed the contribution of speech therapy in groups to trans and with various gender identities, exploring their perceptions about voice and communication. Four workshops with 12 participants were held, followed by qualitative analysis. Four central categories emerged: sharing experiments, expanding perspectives, shared validation and exploiting authenticity. This approach has shown potential to reduce stress, promote well-being, self-esteem, assertive communication, and coping skills in gender minorities. It stands out the importance of a critical analysis of research and intervention approaches in speech therapy related to gender diversity. This strengthens the vision of integral health that incorporates voice and communication as essential elements in person -centered care and knowledge sharing.

Keywords: Speech Therapy, Voice, Communication, Gender Identity, Transsexuality, Gender Diversity, Integral Health.

Sentidos de tejido: el papel de los enfoques grupales en el desempeño de la terapia del habla frente a la diversidad de género

Resumen

Este estudio analizó la contribución de la terapia del habla en grupos a Trans y con varias identidades de género, explorando sus percepciones sobre la voz y la comunicación. Se realizaron cuatro talleres con 12 participantes, seguidos de un análisis cualitativo. Surgieron cuatro categorías centrales: compartir experimentos, expandir perspectivas, validación compartida y explotar la autenticidad. Este enfoque ha mostrado potencial para reducir el estrés, promover el bienestar, la autoestima, la comunicación asertiva y las habilidades de afrontamiento en las minorías de género. Se destaca la importancia de un análisis crítico de los enfoques de investigación e intervención en la terapia del habla relacionadas con la diversidad de género. Esto fortalece la visión de la salud integral que incorpora la voz y la comunicación como elementos esenciales en la atención y el intercambio de conocimientos centrados en la persona.

Palabras clave: terapia del habla, voz, comunicación, identidad de género, transexualidad, diversidad de género, salud integral.

Introdução

A fonoaudiologia tem pesquisado e atuado cada vez mais com as questões relacionadas à diversidade de gênero, buscando em grande parte dos estudos, compreender como a voz impacta a vida de pessoas trans e como ela pode ser trabalhada sob uma perspectiva de adequação às características de gênero (Barros, 2017). Apesar disso, a imperatividade de uma reflexão profunda e de uma revisão crítica das abordagens de pesquisa e intervenção no âmbito da fonoaudiologia em relação à diversidade de gênero, tem sido amplamente destacada recentemente por especialistas (Azul e Zimman, 2022; Quinn e Hancock, 2023; Coleman *et al*. 2022). Como também, têm-se delineado propostas concretas e fundamentadas que apontam direções claras, especialmente em relação à postura ética (Quinn; Hancock, 2023) e à orientação

teórico-epistemológica adotada no tratamento deste tópico (Azul; Hancock, 2020).

Quanto aos embasamentos teóricos para essa prática fonoaudiológica, atualmente a perspectiva sugerida como uma das mais apropriadas para compreender a voz e a comunicação em relação ao posicionamento sociocultural do falante é a perspectiva biocultural. A partir dela (Azul e Hancock, 2020), diversos fatores atuam de forma contínua e dinâmica na produção da voz e da comunicação, o que a diferencia da perspectiva determinista, por exemplo, que considera essa produção como exclusivamente dependente de aspectos biológicos e físicos.

Nos últimos tempos, a literatura científica internacional tem experimentado uma inovação nos estudos relacionados a intervenções grupais relacionadas à fonoaudiologia e diversidade de gênero (Mills, Stoneham e Georgiadou, 2017; Mills, Stoneham e Davies, 2019). No entanto, nota-se que o cenário na literatura brasileira não vem acompanhando essa tendência.

A pesquisa qualitativa em saúde apresenta uma vasta possibilidade de métodos e técnicas que podem ser compatíveis com diferentes posturas epistemológicas, especialmente quando há a possibilidade de aplicação dessa perspectiva crítica embasada por um referencial teórico capaz de abordar, de maneira ampla, a multiplicidade de possibilidades de construção do conhecimento, distante da busca de uma verdade essencial (Minayo, 2002; Minayo 2014; Lorenzo, 2021).

A utilização de oficinas, seja de pesquisa ou de intervenção, se mostra como uma possibilidade de construção de sentidos, uma vez que os significados construídos sobre o mundo elaboram maneiras de ser e de se relacionar com o próprio mundo (Spink; Menegon; Medrado, 2015). Nesse sentido, o conhecimento não é desconectado das implicações práticas, o que torna a fronteira entre pesquisa e intervenção uma linha tênue (Mosqueta; Vilela e Souza; Corradi-Webster, 2015). Contudo percebe-se que sua utilização no contexto da pesquisa brasileira é ainda pouco visto (Rasera, 2015).

Conforme descrito por Coleman *et al.* (2022) foi estabelecido na oitava edição dos *SOC 8* (*Standards of Care for the Health of Transgender and Gender Diverse*

People, Version 8), o objetivo dos profissionais que prestam a assistência de afirmação de gênero deve ser, antes de tudo, o de estabelecer uma colaboração efetiva com as pessoas trans e de diversas identidades de gênero. Essa colaboração visa abordar de forma integral as necessidades sociais, mentais e médicas, visando, principalmente, promover o bem-estar, enquanto se respeita plenamente as identidades de gênero das pessoas. Essas diretrizes de cuidado preconizam ainda a adoção de um modelo de atendimento centrado na pessoa, além de revisar diversas recomendações anteriores, tudo isso com o propósito de eliminar as barreiras que podem dificultar o acesso aos cuidados necessários.

Diante dessas considerações, este artigo visa analisar o impacto de uma abordagem fonoaudiológica em grupo no contexto da saúde coletiva, envolvendo pessoas trans e suas percepções sobre voz e comunicação.

Metodologia

Trata-se de uma pesquisa de abordagem qualitativa, fundamentada na abordagem metodológica da hermenêutica dialética (Minayo, 2014; Lorenzo, 2021), desenvolvida com pessoas trans e com identidades de gênero diversas. Os critérios de inclusão foram pessoas maiores de 18 anos que se identificassem como pessoas trans ou com gênero diverso. Não foram estipulados critérios de exclusão relacionados à identidade de gênero. Foram realizadas seis oficinas com a participação de 12 pessoas.

A composição da amostra se deu através da técnica de bola de neve, na qual uma das pessoas participando, inicialmente convidada, indicava uma nova pessoa. Não houve definição prévia de quantidade de participantes por se tratar de pesquisa qualitativa, sendo próprio do método hermenêutico dialético a composição da amostragem por saturação, na qual a própria prática de análise indica quando os dados necessários para atender aos objetivos do estudo já começam a se repetir, sem adicionar contribuições (Lorenzo, 2021). O contato inicial com as pessoas se deu por meio das mídias sociais, a partir do qual as pessoas recebiam uma explicação sobre os objetivos da pesquisa, a

metodologia a ser aplicada e uma explicação sobre o posicionamento ético e profissional das pesquisadoras.

A técnica selecionada para a coleta de dados foram oficinas grupais de pesquisa desenvolvidas a partir da perspectiva teórico-metodológica do construcionismo social aplicado à prática grupal (Rasera e Japur, 2007). As práticas propostas foram embasadas em conceitos de autopercepção vocal e psicodinâmica vocal (Behlau, 2005).

Os encontros tiveram uma média de duração de 100 minutos cada, foram registrados em áudio e vídeo e, posteriormente, transcritos para análise. As transcrições passaram por uma análise baseada nas técnicas do método da hermenêutica-dialética (Minayo, 2002; Minayo 2014; Lorenzo, 2021).

Devido ao contexto da pandemia da COVID-19, foi necessário adaptar a técnica de coleta de dados para o ambiente virtual. Como resultado, as oficinas foram conduzidas online por uma fonoaudióloga, utilizando a metodologia das oficinas. O desenvolvimento das atividades seguiu um roteiro semiestruturado (TABELA 01), que incluía várias etapas voltadas para compartilhar experiências pessoais relacionadas à voz e à comunicação interpessoal. Durante essas atividades, também foram realizadas práticas de autopercepção vocal, criando assim um espaço para as participantes compartilharem suas experiências em relação às vivências, técnicas vocais e de comunicação.

Tabela 01: Roteiro Semiestruturado da Oficina - "Ateliê de Comunicação", elaboração própria.

1. Aquecimento

Aquecimento Inespecífico

Exercício: *Dando uma qualidade para Sua Voz*

Solicitar a cada participante que se apresente, diga seu nome e em seguida apresente uma característica que percebe da sua voz.

Aquecimento Específico

· Exercício: *Características da Minha Voz*

Solicitar que cada participante escolha quatro características da sua Voz. Tentando exemplificar essas características aplicando e demonstrando com a própria voz durante a fala. Exemplo: “minha voz é forte”, durante a emissão dessa frase, a palavra forte será emitida com uma voz grave e firme.

· Exercício: *Voz Preferida*

Solicitar a cada participante a pensar em uma voz preferida, uma voz que admira ou que tem como referência, e descrever uma ou mais características desta voz.

2. Desenvolvimento

· Exercício: *Situações de Comunicação Marcantes*

Orientar que as participantes busquem na memória uma ou mais “situações de comunicação interpessoal marcantes que envolveram sua voz”. Iniciando uma reflexão sobre a mesma e em seguida, abrir espaço de fala espontânea, visando a construção de narrativas orais compartilhadas por cada pessoa com todo o grupo.

· Exercício: *Voz, Comunicação e Papéis Sociais*

Solicitar que as participantes identifiquem quantas vozes diferentes utilizam em seu cotidiano, nas mais variadas situações. E partir dessa identificação nomear essas vozes. Em seguida explorar junto às participantes as diversas características vocais que podemos apresentar de acordo com os nossos papéis sociais e os impactos de cada uma delas pode ter na autopercepção, nas emoções, no bem-estar e nas relações interpessoais.

· Exercício: Título do exercício: *"Explorando e Fortalecendo sua Expressão de Gênero na Comunicação"*

Iniciar a vivência prática com algumas técnicas vocais e de comunicação, selecionadas a partir das falas e percepções mencionadas durante o encontro.

3. Momento final - Partilha:

Abrir os comentários, promovendo diálogo com as participantes sobre os pontos que mais as impactaram durante a oficina e investigando os aspectos que foram mencionados com maior frequência nas falas apresentadas durante a prática.

As oficinas foram realizadas por meio da plataforma *Microsoft Teams*, que faz parte do Microsoft Office 365. Todos os participantes foram cadastrados na plataforma para poderem participar da pesquisa. Um link foi disponibilizado para acessar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e o Termo de Cessão de Uso da Imagem e da Voz para fins científicos e acadêmicos. Os participantes clicaram em "concordo" para formalizar sua participação e aceite. Além disso, os participantes receberam orientações para fazer o *download* do TCLE para seu arquivo pessoal.

A pesquisa foi registrada no Comitê de Ética em Pesquisa “XXXXXXXXXXX”, sob o nº 51975315.4.0000.0030 e aprovada pelo parecer nº 5.035.812. Todas as participantes assinaram Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), concordando com a participação na pesquisa e uso das informações coletadas, atendendo à Resolução nº 466/2012-CNS e suas complementares.

Resultados e Discussão

Durante a finalização das oficinas, destinada à avaliação sobre as dinâmicas e o impacto pessoal, foram compartilhadas percepções comuns e individuais. Essas avaliações da oficina, cuidadosamente selecionadas, constituíram o foco central deste estudo.

Cada oficina foi analisada individualmente e, posteriormente, reorganizada para fins de síntese, buscando apontar a diversidade e a multiplicidade (Spink; Menegon; Medrado, 2015). Durante a análise foi utilizado a hermenêutica dialética (Minayo, 2014; Lorenzo, 2021), a partir da qual categorias analíticas empíricas emergiram gradualmente. Essas categorias foram subsequentemente comparadas com categorias analíticas pré-definidas, visando identificar inter-relações e conexões. Esse procedimento resultou na identificação das seguintes categorias centrais: 1.Trocando experiências e vivências em espaços de

compreensão mútua; 2. Ampliando perspectivas através da experiência prática em grupo; 3. Validação Compartilhada; e 4. Explorando a autenticidade - o grupo como espaço de interação livre e confortável. A seguir, serão apresentadas as categorias e suas respectivas falas representativas.

1. **Trocando experiências e vivências em espaços de compreensão mútua**

"E sobre a vivência [...] que marcou de interessante é que sempre eu penso muito nessas coisas, mas nem sempre eu tenho com quem trocar sobre isso, né? Acho que isso é legal nesse sentido, apesar de tocar às vezes num lugar delicado, assim, de ser desafiador também [...] às vezes sinto falta de ter com quem conversar sobre isso e não tem muito onde". (Gianni)

A fala de Gianni expressa a sutil dualidade de se expor em um grupo, um misto de oportunidade de expressão com o desconforto de experimentar falar sobre vivências mais pessoais e mais marcantes. Porém estar em um ambiente mais culturalmente responsivo permite que esses aspectos sejam acolhidos e direcionados de uma maneira mais acolhedora e respeitosa.

De acordo com a proposta de Azul e Zimman (2022) a responsividade cultural corresponde à capacidade de resposta cultural em um sentido amplo para se referir a um compromisso com o processo ao longo da vida de "se tornar mais eficaz na prestação de serviços em todas as culturas". Essa conceituação é distinta do termo "competência cultural" que, uma vez alcançada, pode ser entendida como se referindo a uma característica estável que faz parte das capacidades profissionais de uma pessoa e que elas serão capazes de manter sem esforço o futuro. Ao considerar a importância do desenvolvimento da responsividade cultural, o profissional que pretende conduzir esse tipo de abordagem estará mais apto a construir espaços e estratégias que permitam um ambiente mais acolhedor e aberto possível a expressões autênticas.

No campo da saúde o uso de grupos como um recurso para gerar novas realidades tem se mostrado promissor. Há muitas situações nas quais é importante contribuir com essa área a desenvolver recursos necessários visando construir possibilidade para superar dilemas e para redefinir relações e padrões de comunicação improdutivos (Mosqueta; Vilela e Souza; Corradi-Webster, 2015).

O que produzimos em uma oficina somente fortalece a suposição de que o conhecimento é uma construção coletiva. Nessa perspectiva, as oficinas são importantes ferramentas ético-políticas por proporcionarem espaços de negociação e construção conjunta das outras possibilidades de significados sobre os temas em discussão (Spink; Menegon; Medrado, 2015). No presente estudo os posicionamentos apresentados pelos participantes demonstram ter havido uma sensação de identificação e integração com os pares, gerando uma coerência entre o grupo, mesmo entre pessoas de diferentes gêneros. A coerência de grupo vem sendo apontada como catalisador para mudanças de voz e comunicação nesse tipo de trabalho (Mills, Stoneham e Davies, 2019).

Já no posicionamento do Yves temos outra perspectiva:

"Então eu gostei muito, é, da oficina. Eu achei interessante porque já era uma coisa que eu queria fazer, procurava e tal, mas eu queria que fosse algo mais voltado justamente para pessoas trans, e porque, é, para talvez me sentir um pouco mais incluído, né? Achei muito legal porque tocou muito no ponto de percepção, talvez. É o que eu percebo. Não é muito do que realmente é, [...] ou é o que eu penso, mas às vezes o que está de fora, a gente realmente não tem muita noção. A gente escuta, mas às vezes ficam, não, será? E agora falando, vendo pessoas falando [...] e talvez sentindo coisas parecida é interessante também". (Yves)

O grupo pode ser visto, tanto na pesquisa como na intervenção em saúde, como uma prática inclusiva. O relato de Yves mostra que, apesar de desejar participar de uma prática desse tipo, buscava por algo voltado para pessoas trans já na expectativa de se sentir incluído. No entanto, uma vez que se utilize desse recurso, deve-se levar em conta que, no processo de construção de significados, diferentes vozes e discursos entram em competição, o que pode resultar no privilégio de alguns e na exclusão de outros. Sendo importante a estratégia de formação de grupos visando a inclusão de vozes e discursos que

frequentemente são marginalizados (Mosqueta; Vilela e Souza; Corradi-Webster, 2015) contudo, sendo importante que haja uma preparação adequada para tornar a condução dos diálogos e os momentos de escuta o mais acessível possível.

2. **Ampliando perspectivas através da experiência prática em grupo**

"Eu sou assim, eu sou desinibida gente, tem que aprender a ser assim, né? Mas enfim, eu gostei muito [...] do encontro, justamente porque eu consegui perceber que [...], acho que o maior dos meus problemas é realmente a respiração. Eu acho que a questão não é nem a minha questão de voz ou timbre. Acho que é mais a minha forma de respirar, então seria algo assim que eu teria que procurar um acompanhamento depois, não é para poder fazer esse exercício de respiração". (Stella)

Stella trouxe uma reflexão que demonstrou que, após realizar as práticas de exercícios que coordenaram a respiração com a produção vocal e participar das interações, ela pareceu perceber que não estava necessariamente insatisfeita com a expressão vocal relacionada ao gênero. Em vez disso, ela provavelmente estava lidando com uma questão mais relacionada ao ajuste da respiração durante a fala, visando proporcionar uma emissão vocal mais confortável e, consequentemente, uma comunicação mais satisfatória.

No estudo de Vilela e Ferreira (2006) em que as autoras objetivaram analisar os procedimentos e resultados terapêuticos advindos de atendimentos fonoaudiológicos em grupo, a pacientes com distúrbios vocais, as autoras entrevistaram fonoaudiólogos que realizavam essa prática no contexto brasileiro. Esses profissionais destacaram como aspecto positivo a própria dinâmica grupal, sendo esta a condutora do paciente a perceber diversos aspectos relacionados à voz. Foi considerada a importância da atuação em grupo no sentido de explicar como acontecem as mudanças subjetivas, uma vez que as pessoas se conhecem e conhecem umas às outras em diferentes relações grupais ao longo da vida. Sendo o grupo uma possibilidade de ampliação de

olhares e de uma maneira de extrapolar para as relações externas as mudanças vividas e percebidas nessas relações grupais. Porém apontaram também pontos negativos, dentro os quais destaca-se a postura e o tipo de condução do terapeuta, considerando a importância do mesmo se aprofundar em questões teóricas e de concepção de grupo (Vilela e Ferreira, 2006).

A fala do próximo participante traz a expressão "dessa nossa posição", parecendo indicar uma percepção de que o diálogo com colegas proporciona um senso de pertencimento ao grupo.

"*Eu estou achando engraçado, acho que a gente precisa [...] é uma questão corriqueira [...] que a gente não pára muito para analisar qualquer característica dessa voz [...] há tantas variáveis, muitas coisas que você fica meio perdido. Mas dessa nossa questão [...], que a gente falou muito, dessa nossa posição, desse marcador de gênero, da voz como marcador de gênero e das situações que a gente tem que ser educado, como a gente acaba sempre pensando".* (Valentino)

Esse posicionamento permite um novo ângulo para o modo de enxergar situações de comunicação cotidianas, que as mesmas situações ao acontecer com diferentes pessoas geram diferentes reações, dialogar sobre essas reações permite um movimento de autorreflexão, mas sobretudo gerando um repertório de novas possibilidades de ação e não apenas de reação. Além disso, ao compartilhar dessas diferentes reflexões, explorando o que elas significam e geram de sensação, permite mais clareza de como nossas percepções afetam nossa comunicação, tom de voz, respostas corporais, clareza de ideias, entre outros elementos envolvidos nesse momento de expressão.

Valentino falava que enquanto estava perdido pensando em suas características vocais e ao ouvir a perspectiva de outra pessoa do grupo, se deu conta do quanto a voz é repleta de outros elementos que compõem a nossa expressão de gênero que não apenas os elementos de masculinidade, feminilidade e neutralidade. O vocabulário, uma postura de fala mais educada, os silenciamentos são alguns dos elementos que compõem o posicionamento de quem fala, incluindo aí a expressão de gênero. Esses elementos podem e devem ser percebidos, explorados, exercitados e colocados na prática discursiva de maneira consciente, e discutir sobre eles com em uma prática relacional facilita esse processo de tomada de consciência.

A importância do trabalho com os aspectos de comunicação e linguagem para além das características vocais, vêm sendo cada vez mais descritos na literatura. Um trabalho visando a construção de um protocolo para o trabalho de masculinização vocal e de comunicação, avaliou a satisfação de dez homens trans quanto a um serviço composto por um programa de grupo de terapia de voz e comunicação, incluindo acompanhamento de longo prazo em uma clínica de identidade de gênero de Londres (Mills, Stoneham e Davies, 2019). Os grupos eram compostos com foco em exercícios específicos para desenvolver uma voz mais masculina, discussões sobre autopercepção vocal relacionada ao gênero, atribuição de gênero por outras pessoas, padrões de feminilidade e masculinidade, discussões sobre autenticidade, estereótipos e condicionamentos cisheteronormativos, entre outros. A maioria dos participantes relataram altos níveis de satisfação com o programa e o acompanhamento de longo prazo, uma vez que trouxe mudanças positivas significativas na autopercepção vocal e nas habilidades de comunicação.

A fala de outra pessoa como ponto de reflexão de seu próprio comportamento. Gerando, além de reflexão, mudança na expressão vocal consciente, mudança no padrão de comunicação, modelado pela fala de um par que foi compartilhada em uma situação de grupo.

“ [...] estão internalizados na gente que a gente acaba é sempre acaba passando isso. Quando ele falou isso comecei justamente tentar mudar a forma que eu falava em tentar manter o mesmo padrão de voz que eu tenho para essas situações. Mas eu ainda vejo que eu ainda tenho um pouco de dificuldade, estou internalizado aqui. Isso precisa estar em mim para ficar em outras pessoas também [...]”. (Valentino)

Igualmente, nomear as características da própria voz como forma de refletir sobre ela além dos parâmetros masculino, feminino e neutro, se mostrou um exercício de percepção de que a expressão vocal e comunicativa revela muitos atributos que caracterizam uma pessoa muito além das características da leitura de gênero. Percebendo inclusive que essas expressões variam conforme as situações de interação, os interlocutores e as funções sociais exercidas no momento da interação. Essa consciência contribui fortemente nos ajustes dos

aspectos vocais e comunicativos de uma maneira mais intencional. E a intenção comunicativa utilizada de forma mais consciente permite uma facilidade no momento da expressão e contribui para a superação de diversas barreiras de comunicação enfrentadas por essas pessoas.

Processo semelhante ocorreu no trabalho de Mosqueta (Mosqueta; Vilela e Souza; Corradi-Webster, 2015) realizado com profissionais de saúde sobre o atendimento a pessoas da comunidade LGBT utilizando o formato de oficinas. Nele os autores trabalharam a reflexão de novos vocabulários para conceitos já estabelecidos, como a sexualidade, para além da simples divisão heterossexual e homossexual. Como resultado, dada a multiplicação de novas possibilidades descritivas que surgiram, os participantes começaram a considerar terem melhores condições para fornecer assistência à saúde às pessoas LGBT.

3. **Validação Compartilhada**

Ao conhecer a percepção de outras pessoas, perceber que mais pessoas compartilham das mesmas questões e que contribui para a construção de uma nova percepção sobre o problema percebido. De modo que parece menor do que parecia previamente.

"Mas eu achei super legal, nunca tinha feito assim, uma consulta com várias pessoas assim, né? Participado de algo para você realmente ter uma percepção de outra pessoa, né? Eu já fiz um acompanhamento com um fonoaudiólogo, mas assim foi só eu e ele né? Então a gente não acaba isso não escutando as outras vozes e percebendo que tem muita gente que tem às vezes as mesmas queixas da gente, que algo que pode não ser tão ruim como a gente pensa, né? Mas é isso. Eu acho que foi super satisfatório para mim participar daqui hoje". (Stella)

Mais uma pesquisa qualitativa com mulheres trans (Sebastião, Costantini e Françozo, 2022), dessa vez no contexto brasileiro, objetivou analisar os relatos dessas mulheres sobre saúde, voz, e desconfortos sociais. As participantes do estudo enfatizaram a ausência de modelos de identificação positiva entre mulheres trans que vivem sem estigmatização e desfrutam de qualidade de vida, o que resultava em sentimentos acentuados de insegurança e sofrimento em sua jornada de identidade de gênero. A identificação com experiências bem-sucedidas de transição foi considerada como um fator fundamental para tornar esse processo menos angustiante. Nesse sentido, os grupos virtuais dedicados

às questões de transgeneridade emergiram como um recurso relevante, oferecendo apoio mútuo por meio da troca de informações, compartilhamento de experiências e engajamento em diálogos construtivos.

Uma outra perspectiva envolve a possibilidade de se observar, dialogar e refletir, o que pode levar a um melhor autoconhecimento e ao reconhecimento de evoluções no processo.

"[...] Eu me identifico com sua fala. Eu passo também por algumas situações que *tem uma leitura física mas quando eu pronuncio algo já condena, mas só pra te falar [...] só vejo sua voz como uma voz feminina forte, grave, é isso que você passa pra mim [...]".* (Cris)

"*Ah, eu gostei de todos, né? De toda a oficina eu achei muito legal porque foi uma oportunidade de refletir, né? Sobre a minha própria voz, é, de ver a evolução, né? Toda essa minha trajetória até aqui foi bem legal. É, é legal, também estar em contato com outras pessoas, né? Que se interessam por esse assunto".* (Karl)

Um estudo qualitativo realizado por Leyns *et al*. (2022) abordou a experiência de mulheres trans que participaram de um programa de 10 sessões de terapia fonoaudiológica individual. Os autores investigaram vários aspectos, incluindo o formato das sessões, os impactos na comunicação das participantes e o efeito sobre seu bem-estar geral. Entre os fatores externos identificados como influentes nos resultados, destacou-se a relevância do parceiro de comunicação no processo de aplicação e generalização das técnicas aprendidas.

Concluíram com isso que pesquisas futuras deveriam incorporar um componente emocional mais abrangente durante as sessões. Isso seria essencial para ajudar as participantes a lidar com emoções negativas e outros fatores externos que poderiam surgir, como situações de identificação equivocada de gênero. Esses resultados estão em consonância com as descobertas do estudo atual, demonstrando que o contexto de grupo proporciona um espaço propício para a exploração de questões mais subjetivas. Nele, indivíduos que compartilham experiências semelhantes podem desempenhar papéis significativos, atuando como parceiros de treinamento para facilitar a aplicação mais ampla das técnicas aprendidas. Além disso, essa dinâmica contribui para fortalecer a autoconfiança

das pessoas envolvidas, permitindo que elas utilizem suas vozes de maneira autêntica, em acordo com a identidade e expressão de gênero.

A integração de si mesmo no grupo permitiu a possibilidade de se imaginar a inclusão de mais vozes diversas em ambientes como esse.

"Eu como gosto bastante de voz, eu tenho interesse de atuar nessa parte [...], né? Principalmente na área do canto. É muito legal para gente trazer essa visibilidade também para vozes trans. Que precisa bastante, porque eu sei que existe muita gente que é talentosa por aí, só que não tem oportunidade, né? Ninguém dá voz para elas. Aí elas não conseguem, é, explorar o seu potencial, mostrar para o mundo o talento que tem. Então eu gostaria muito de alguma forma, no futuro, poder ajudar essas pessoas a terem essa. Assim. Você é um meio, né? De comunicação para. Trazer essa oportunidade para as pessoas, para ter essa visibilidade. Que eu acho muito importante integrar essas pessoas. É, porque a gente sabe que tem muita gente talentosa e capaz. A gente precisa trazer essa consciência para as pessoas". (Karl)

O posicionamento de Karl se refere a um sentido de integração, além de se sentir incluído, percebe como uma possibilidade de inclusão de mais pessoas em espaços que promovam a visibilidade de vozes trans. Inclusive em uma perspectiva de desenvolvimento de uma habilidade que possa virar uma prática, como o canto, e talvez uma atividade de trabalho, a partir do momento que mais pessoas potencialmente talentosas podem dar novos sentidos à sua prática discursiva e à sua expressão vocal.

Percebe-se que a inclusão no grupo aumenta o sentimento de pertencimento, aumentando também as possibilidades de compartilhamento do conhecimento não apenas no ambiente do grupo, mas para além de seus participantes e de suas fronteiras.

Outras abordagens (Mills, Stoneham e Georgiadou, 2017) de pesquisa e intervenção em voz e comunicação, envolvendo metodologias em grupo para trabalhar as questões de diversidade de gênero, apresentam resultados que destacam como os participantes desenvolvem um sentimento de comunidade ao compartilhar suas experiências. Isso contribui para a redução da sensação de isolamento, bem como para o fortalecimento da possibilidade de ajuda e apoio mútuo entre os envolvidos. Além disso, essas intervenções também resultam em uma percepção ampliada de esperança, à medida que os participantes

testemunham os progressos dos demais, facilitando o compartilhamento de informações, o desenvolvimento de habilidades sociais e a consolidação de um senso de pertencimento, aceitação e validação, entre outros benefícios (Mills, Stoneham e Georgiadou, 2017).

Explorando a autenticidade - o grupo como espaço de interação livre e confortável

Neste trabalho, foram estabelecidas diretrizes internas para o funcionamento das oficinas, incluindo a definição de regras antes de cada encontro e a renegociação dessas regras no início de cada sessão. As regras acordadas envolviam o respeito pela linguagem utilizada, pelo nome de cada pessoa, bem como pela valorização das individualidades e da privacidade de todos os participantes. Esses acordos foram estabelecidos em conjunto entre a pesquisadora e os membros do grupo.

Esperava-se construir um ambiente confortável e seguro que propiciasse uma liberdade de posicionamentos e uma expressão livre e autêntica. Entendendo que o grupo em formato de oficina possui um notável potencial para estabelecer-se como um espaço seguro e acolhedor, no qual os indivíduos possam expressar-se e se posicionar com total conforto. É fundamental enfatizar a importância da autocrítica no desenvolvimento e, sobretudo, na liderança desses grupos, considerando as potenciais situações que podem surgir (Spink; Menegon; Medrado, 2015).

Quanto à percepção do grupo enquanto esse tipo de espaço as percepções apresentadas foram as seguintes.

"[...] A minha busca é como eu fico confortável internamente para que eu não dependa dessa aprovação externa, entendeu? por exemplo, nessa reunião eu estou super a vontade com a minha voz, e olha que eu odeio minha voz matinal, geralmente eu fico calada mesmo, porque eu estou muito confortável o ambiente proporcionou isso, em outra situação provavelmente eu não estaria tão confortável, então a minha questão é como eu fico confortável assim em outras situações também, em situações mais hostis digamos né". (Anne)

Se um trabalho de aprimoramento vocal e de comunicação exige um exercício prévio de autopercepção e posterior prática de novos modos discursivos, entende-se que um ambiente é uma situação que permita que essa expressão seja a mais espontânea e autêntica possível pois tem um grande valor e diferencial nos resultados das práticas. Além de não perpetuar estereótipos e preconceitos, esse ambiente também gera experiências positivas que têm impacto na vida das pessoas, indo além de seus resultados técnicos, estes percebidos como mais práticos e objetivos.

*"[...] Obrigada pelo encontro, é sempre legal fazer isso pra mim porque é o meu maior motivo de disforia no momento, é a voz então quando tenho oportunidade de falar e dividir sobre as disforias pra mim ajuda, alivia um pouco a bagagem, então muito obrigad**a[...]**".* (Anne)

"[...] é muito nobre, muito bonito. Eu sei que também não é só para pessoas trans. Tem muita gente também que precisa de fazer terapia, né? Por diversos motivos, né? [...] tem pessoas que têm dificuldade, né? Pra conseguir falar mesmo[...] e não sabe se comunicar[...] agradeço vocês do fundo do meu coração". (Vivienne)

Aqui a oficina mostrou-se como espaço e oportunidade de se comunicar e se expressar, considerando as diferentes dificuldades de comunicação que qualquer pessoa pode apresentar. E estar em um ambiente acolhedor e visto como "terapêutico" para falar sobre isso mostrou-se viável do ponto de vista do acolhimento e possibilidade de expressão.

Apesar de o ambiente da oficina de pesquisa não ter sido delineado com um ambiente terapêutico, foi lido dessa forma por Vivienne. Esse entendimento pode ser associado ao que foi discutido no estudo de Souza *et al.* (2011). Nessa pesquisa, que revisou a literatura sobre as origens clínicas e na saúde coletiva da abordagem grupal na fonoaudiologia, as autoras descreveram a origem inicial dessa abordagem na psicologia e utilizadas na saúde pública como uma necessidade dos serviços. No entanto, ao longo do tempo e com o aprofundamento teórico, essa abordagem ganhou uma aplicabilidade mais direcionada. Com o passar dos anos, a transição de uma abordagem

exclusivamente individual para grupos clínicos se revelou possível e resultou em uma relação diferente. Nesse novo contexto, elementos como catarse, cumplicidade entre pares e mudanças de atitudes geradas pela reflexão passaram a ser cada vez mais valorizados.

Proposições

Os diálogos apresentados nesta análise devem ser considerados levando em consideração o estresse de minorias. Que segudo Meyer (2003) refere-se às pressões psicológicas e sociais específicas enfrentadas por grupos minoritários, como pessoas trans, devido à discriminação, preconceito e falta de aceitação em uma sociedade predominantemente cisgênera e heteronormativa. Uma abordagem fonoaudiológica grupal pode desempenhar um papel fundamental na redução desse estresse e no aumento do bem-estar das pessoas trans. Ao criar um espaço seguro e de apoio, onde as pessoas possam compartilhar suas experiências, desafios e aspirações, o terapeuta pode ajudar a fortalecer a autoestima, a comunicação assertiva e as habilidades de enfrentamento. Além disso, o treinamento vocal e linguístico pode permitir que as pessoas trans se sintam mais confortáveis ao expressar seu posicionamento de gênero, aumentando sua confiança e segurança, promovendo um bem-estar emocional.

Em 2017, Mills, Stoneham e Georgiadou realizaram um estudo cujo objetivo era ampliar a discussão científica relacionada à terapia de voz e comunicação voltada para pessoas trans e de gêneros diversos. Neste trabalho, os autores propuseram a promoção do desenvolvimento e da inovação na prática clínica, com foco no treinamento e na aquisição de competências nessa área. Esses autores destacaram que as evidências encontradas respaldam a eficácia da terapia de grupo como uma abordagem bem-sucedida em diversos aspectos, tanto relacionados à voz quanto à autopercepção, para indivíduos trans. Esses autores reforçam a importância de que os protocolos de intervenção em grupo destinados a pessoas trans e de diversos gêneros, devem ser sensíveis ao contexto social, de forma a explorar a dimensão relacional e permitir a expressão de uma voz autêntica.

Ademais, a utilização de uma abordagem grupal deve ser embasada por perspectivas teóricas que sustentem suas práticas. A perspectiva biocultural (Azul e Hancock, 2020) explora as práticas discursivas na comunicação que afetam a interpretação do posicionamento sociocultural do falante por meio de sua expressão vocal, compreendendo que essas práticas refletem sua identidade que é moldada por influências socioculturais e experiências pessoais. As forças socioculturais que influenciam a percepção de gênero do falante, são divididas em forças materiais (biológicas e físicas) e socioculturais supraindividuais. Estas últimas se referem a contextos sociais e culturais mais amplos que moldam significados relacionados a gênero, raça, etnia, classe e idade, tanto para o falante quanto para o ouvinte.

Ainda segundo esses autores uma vez que a voz de uma pessoa é influenciada por essas forças, resultando em diferentes características vocais, a interpretação de um posicionamento sociocultural pode ser baseada na expressão vocal. Nesse sentido os ouvintes também desempenham um papel crucial nessa interpretação do posicionamento sociocultural do falante, categorizando a voz em termos sociais e atribuindo significados. Podendo a interpretação variar devido às experiências socioculturais dos ouvintes.

Os posicionamentos vistos neste estudo nos colocam em uma postura reflexiva enquanto pesquisadores e profissionais e dialogam com as recomendações mais atuais (Azul e Zimman, 2022; Quinn e Hancock, 2023; Coleman *et al*. 2022) como sendo necessário realizar uma análise profunda e uma avaliação crítica das abordagens de pesquisa e intervenção na área da fonoaudiologia quando se trata da diversidade de gênero. Além disso, têm surgido propostas concretas e bem fundamentadas que indicam orientações definidas, sobretudo no que diz respeito à ética e à abordagem teórica adotada ao abordar esse tópico (Azul e Hancock, 2020; Quinn e Hancock, 2023).

Limitações

Percebeu-se a vontade e o engajamento das pessoas em participar de mais uma oficina para aprofundamento das discussões e prática dos exercícios de voz e dinâmicas de comunicação. Contudo houve dificuldade de novas articulações

por questões de agenda e horários compatíveis em que os participantes pudessem estar juntos no mesmo horário.

Essa compatibilidade de horários é uma dificuldade frequente que se mostra no trabalho com grupos na realização de pesquisas e de intervenções, seja no contexto presencial ou on-line.

Considerações Finais

Reconhecer a riqueza semântica de um grupo, seja por meio de oficinas ou de outros formatos embasados em teorias sólidas, possibilita a exploração dos discursos sob uma perspectiva que valoriza a prática discursiva relacional em detrimento da análise individual. Essa abordagem discursiva se revela profundamente enriquecedora em termos de significados passíveis de serem explorados em diversas direções, tanto no contexto de pesquisa quanto de intervenção, no âmbito da fonoaudiologia, particularmente, no que tange às questões relacionadas à diversidade de gênero.

Nesse cenário, uma abordagem de saúde integral se configura como uma estratégia que incorpora a voz e a comunicação como elementos integrantes de um abrangente modelo de atendimento, ao mesmo tempo em que fomenta a partilha de conhecimentos e competências. As construções de significado e os processos de ressignificação assumem uma natureza dialógica, desempenhando um papel de importância não somente para os participantes envolvidos, mas também para os facilitadores do grupo. A posição social ocupada por pesquisadores ou terapeutas revela-se como um posicionamento complexo, caracterizado por dimensões éticas e políticas, e influenciado por variadas crenças e questões socioculturais.

Referências Bibliográficas

AZUL, D.; HANCOCK, A. B. Who or what has the capacity to influence voice production? Development of a transdisciplinary theoretical approach to clinical practice addressing voice and the communication of speaker socio-cultural positioning. **International Journal of Speech-Language Pathology**, v. 22, n. 5, p. 559-570, out. 2020.

AZUL, D. *et al.* Supporting well-being in gender-diverse people: a tutorial for implementing conceptual and practical shifts toward culturally responsive, person-centered care in speech-language pathology. **American Journal of Speech-Language Pathology**, v. 31, n. 4, p. 1574-1587, 2022.

AZUL, D; ZIMMAN, L. Innovation in speech-language pathology research and writing: Transdisciplinary theoretical and ethical perspectives on cultural responsiveness. **International Journal of Speech-Language Pathology**, v. 24, n. 5, p. 460-471, 2022.

BARROS, A.D. **A relação entre a voz e a expressão de gênero: a percepção de pessoas transexuais.** 2017. 84 f., il. Dissertação (Mestrado em Saúde Coletiva)—Universidade de Brasília, Brasília, 2017.

BEHLAU, M. Voz - o livro do especialista. 1a ed. Vol 2. Rio de Janeiro: Revinter, 2005. 592 p.

COLEMAN, E. *et al.* Standards of care for the health of transgender and gender diverse people, version 8. **International Journal of Transgender Health**, v. 23, n. sup1, p. S1-S259, 2022.

LEYNS, C. *et al*. Experiences of transgender women with speech feminization training: A qualitative study. In: **Healthcare**. MDPI, 2022. p. 2295.

LORENZO, C. Práxis Hermenêutica na construção de referenciais teóricos e na análise de dados em pesquisa social na saúde. *In*: MENDONÇA, A.V.M.; SOUSA, M.F. (Org.). **Métodos e técnicas de pesquisa qualitativa em saúde**. Brasília: Editora ECoS, 2021. p. 86-11

MINAYO, M.C.S. Hermenêutica-dialética como caminho do pensamento social. In: MINAYO, M.C.S.; DESLANDES, S. (Orgs.) **Caminhos do pensamento – epistemologia e método.** Rio de Janeiro: Ed. Fiocruz, 2002.

MINAYO, MCS. **O desafio do conhecimento: Pesquisa qualitativa em saúde.** 14. ed. São Paulo: Hucitec; 2014.

MEYER, I. H. Prejudice, social stress, and mental health in lesbian, gay, and bisexual populations: conceptual issues and research evidence. Psychological Bulletin, v. 129, n. 5, p. 674–697, 2003.

MILLS, M.; STONEHAM, G.; GEORGIADOU, I. Expanding the evidence: Developments and innovations in clinical practice, training and competency within voice and communication therapy for trans and gender diverse people. **International Journal of Transgenderism**, v. 18, n. 3, p. 328-342, 2017.

MILLS, M.; STONEHAM, G.; DAVIES, S. Toward a protocol for transmasculine voice: a service evaluation of the voice and communication therapy group program, including long-term follow-up for trans men at the London Gender Identity Clinic. **Transgender Health**, v. 4, n. 1, p. 143-151, 2019.

QUINN, S.; HANCOCK, A. B. Guidance for Research with Trans and Gender-Diverse People. **Seminars in Speech and Language**, v. 44, n. 2, p. 119-136, mar. 2023.

RASERA, E.F. JAPUR, M. **Grupo como construção social: aproximações entre construcionismo social e terapia de grupo.** 1ª edição, São Paulo: Vetor, 2007.

RASERA, E. F. Social Construction and Group Work. In: RASERA, E. F. (Org.). **Social Constructionist Perspectives on Group Work.** Chagrin Falls, Ohio: Taos Institute Publications, 2015.

MOSQUETA M.S.; VILELA E SOUZA, L.; CORRADI-WEBSTER C.M.; Social Constructionist Resources for Investigating and Working with Groups in Health-care. In: RASERA, E. F. (Org.). **Social Constructionist Perspectives on Group Work.** Chagrin Falls, Ohio: Taos Institute Publications, 2015.

SEBASTIÃO, T.F.; CONSTANTINI, A.C; DE CAMPOS FRANÇOZO, M.F. Mulheres transgênero: suas narrativas sobre saúde, voz e disforia. **Distúrb. comun**, p. 54938-54938, 2022.

SMITH, C.J. Culturally Competent Care for Transgender Voice and Communication Intervention. **Perspectives of the ASHA Special Interest Groups**, v. 5, n. 2, p. 457–62, abr. 2020.

SOUZA, A.P.R. *et al*. O grupo na fonoaudiologia: origens clínicas e na saúde coletiva. **Revista CEFAC**, v. 13, p. 140-151, 2011

SPINK, M.J.; MENEGON, V.M.; MEDRADO B.. Floating Meanings: Dialogical Uses of Workshops in Research Settings. In: RASERA, E. F. (Org.). **Social Constructionist Perspectives on Group Work.** Chagrin Falls, Ohio: Taos Institute Publications, 2015.

VILELA, F.C.A.; FERREIRA, L.P. Voz na clínica fonoaudiológica: grupo terapêutico como possibilidade. **Distúrbios da Comunicação**, v. 18, n. 2, 2006.

5.2. ARTIGO II: A PERCEPÇÃO DE MULHERES TRANS QUANTO À RELAÇÃO ENTRE VOZ E EXPRESSÃO DE GÊNERO - UM ESTUDO QUALITATIVO.

RESUMO

Objetivo: Este estudo tem como objetivo compreender a percepção das mulheres trans em relação à conexão entre a voz e a expressão de gênero durante situações de comunicação no contexto cotidiano. Método: Utilizou-se um método qualitativo por meio de uma oficina orientada, com duração média de 100 minutos, envolvendo quatro mulheres trans com idades entre 25 e 31 anos. Os encontros foram gravados e posteriormente transcritos. A análise dos dados foi realizada utilizando a técnica de Análise da Hermenêutica Dialética. Resultados: A percepção das participantes revelou reflexões que abrangem a voz e a comunicação, associadas à expressão de gênero. A análise dos dados resultou na identificação das seguintes categorias temáticas: 1. percepção da própria voz, 2. referência e preferência vocal, 3. voz, comunicação e papéis sociais, 4. situações de comunicação, 5. desconforto com a própria voz e 6. experiência em grupo. Conclusão: A voz desempenha um papel singular e pessoal no cotidiano das mulheres trans, estando fortemente ligada ao gênero, às experiências vivenciadas e à comunicação. A voz influencia a relação dessas mulheres com sua própria identidade vocal, o conforto e a liberdade relacionados à comunicação, assim como as possibilidades de interação e posicionamento social.

DESCRITORES: Voz; Fonoaudiologia: Comunicação; Saúde Pública; Pessoas Transgênero

The perception of trans women as to the relationship between voice and gender expression - a qualitative study

ABSTRACT

Objective: This study aims to understand the perception of trans women about the connection between voice and gender expression during communication situations in the daily context. Method: A qualitative approach was used through an oriented workshop, with an average duration of 100 minutes, involving four trans women aged 25 to 31 years. The meetings were recorded and later transcribed. Data analysis was performed using the the technique of analysis of dialectical hermeneutics. Results: Participants' perceptions revealed reflections that cover voice and communication associated with gender expression. Data analysis identified the following thematic categories: 1. Perception of the voice, 2. Reference and vocal preference, 3. Voice, communication, and social papers, 4. Communication situations, 5. discomfort with the voice itself, and 6. group experience. Conclusion: The voice plays a unique and personal role in the daily life of trans women, being strongly linked to gender, experiences, and communication. The voice influences these women's relationship to their own vocal identity, comfort, and freedom related to communication, as well as the possibilities of interaction and social positioning.

KEYWORDS: Voice; Speech Therapy; Communication; Public health; Transgender people

INTRODUÇÃO

A emissão da voz humana pode ser influenciada por fatores biológicos, genéticos, culturais e psicossociais, abrangendo aspectos como interação e comunicação, exercício profissional, manifestação cultural e em especial a identidade social (1)(2) . Em nossa sociedade as pessoas trans são aquelas em que a expressão das características de gênero não são associadas ao sexo atribuído ao nascimento, sendo esse um fenômeno humano comum e culturalmente diverso e que não deve ser julgado como inerentemente patológico ou negativo(1).

Assim, as pessoas trans frequentemente podem experimentar várias formas de desconforto derivadas de como seu gênero é lido socialmente. Como resultado dessas experiências, muitas delas buscam intervenções médicas, incluindo hormonioterapia, cirurgias de laringe, e cirurgia de redesignação sexual, entre outros procedimentos (1–3). Em meio a essas dificuldades, a identificação do gênero em conformidade com a expressão da própria voz pode ser uma das necessidades apresentadas, uma vez que a voz e as características de comunicação são marcadores sociais na percepção de gênero e a conformidade, ou não, dessas características com a expressão e identidade de gênero têm diferentes impactos psicossociais (1,3,4).

Buscando um maior conforto referente à identidade e expressão de gênero, e a receptividade social, pessoas trans podem optar por adequar a comunicação à expressão de gênero(1). Assim, os tipos de intervenção vocal visando o atendimento a mulheres trans estão descritos na literatura como sendo as cirurgias laríngeas e a fonoterapia, considerando elevar a frequência fundamental, e trabalhar questões como ressonância, respiração, prosódia e entonação de fala, uma vez que essas características podem contribuir para a produção de uma voz lida socialmente como mais feminina(2,4). Embora exista a possibilidade de modificações na voz, é de suma importância o entendimento de que ela não deve ser tratada tomando como modelo o padrão binário de gênero, mas sim o conforto nas interações e meios sociais, considerando a

despatologização das identidades trans e uma abordagem culturalmente competente em saúde(3,5). O fonoaudiólogo, portanto, é o profissional que pode proporcionar, em conjunto com a equipe multidisciplinar, a intervenção no processo de adequação da voz ao gênero, especialmente quando sentem que esse fator se revela um obstáculo, assumindo assim, uma jornada de transição para modificações tanto físicas quanto psicológicas, entendendo as individualidades, especificidade e mudanças desejadas, em consonância com os papéis sociais expressos por cada pessoa(1). Partindo da premissa de que as mulheres trans enfrentam complexidades relacionadas à comunicação e à expressão de gênero, surge a necessidade de uma análise mais aprofundada das percepções individuais e das subjetividades apresentadas por essas mulheres. Considerar as subjetividades é fundamental para compreender cada trajetória individual, com ênfase na escuta atenta das experiências pessoais, evitando a imposição de normas ou padrões sociais de gênero cis normativos(5). Diante do exposto, o objetivo dessa pesquisa é compreender a percepção de mulheres trans sobre a relação entre voz e expressão de gênero, bem como analisar o impacto dessa interação no bem-estar social.

MÉTODO

A pesquisa foi registrada no Comitê de Ética em Pesquisa “XXXXXXXXXXX”, sob o nº 51975315.4.0000.0030 e aprovada pelo parecer nº 5.035.812. Todas as participantes assinaram Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), concordando com a participação na pesquisa e uso das informações coletadas, atendendo à Resolução nº 466/2012-CNS e suas complementares.

- *Desenho do Estudo*

Trata-se de uma pesquisa de abordagem qualitativa, fundamentada na abordagem metodológica da hermenêutica dialética (7,8), desenvolvida com pessoas trans e com identidade de gênero diversas, compondo uma pesquisa baseada na perspectiva teórica a partir da fonoaudiologia no contexto da saúde coletiva.

Para o presente artigo foi realizado a seleção dos dados referentes às participantes que se identificavam como mulheres trans, sendo, portanto, os

critérios de inclusão, pessoas maiores de 18 anos que se identificassem como mulheres trans. Não foram estipulados critérios de exclusão relacionados à identidade de gênero.

A composição da amostra se deu através da técnica de bola de neve, na qual uma participante inicialmente convidada indicava uma nova pessoa a ser convidada. Não houve definição prévia de quantidade de participantes por se tratar de pesquisa qualitativa, sendo próprio do método hermenêutico dialético a composição da amostragem por saturação, na qual a própria prática de análise indica quando os dados necessários para atender aos objetivos do estudo já começam a se repetir, sem adicionar contribuições (8).

O contato inicial com as participantes se deu por meio das mídias sociais, a partir do qual as pessoas recebiam uma explicação sobre os objetivos da pesquisa, a metodologia a ser aplicada e uma explicação dobre o posicionamento ético e profissional das pesquisadoras.

· *Técnica de Coleta*

A técnica selecionada para a coleta de dados foram oficinas de pesquisa participativa desenvolvidas a partir da perspectiva teórico-metodológica do construcionismo social aplicado à prática grupal(9) e por práticas de autopercepção vocal e por conceitos da psicodinâmica vocal(10) (TABELA 01).

· *Desenvolvimento do Estudo*

Por ser desenvolvida no contexto social da pandemia da COVID-19 a aplicação da técnica de coleta foi adaptada para o ambiente virtual. Assim as oficinas foram conduzidas na forma de grupos de discussão on-line, por uma fonoaudióloga, com a colaboração das pesquisadoras auxiliares, estudantes de Fonoaudiologia. O desenvolvimento das atividades da oficina seguiu o roteiro semiestruturado, que compreendia diferentes etapas destinadas ao compartilhamento de relatos pessoais acerca de experiências, vivências e desafios relativos à voz e à comunicação interpessoal. Em conjunto com esse compartilhamento ocorreu a realização de práticas de autopercepção vocal, possibilitando que as oficinas compusessem um espaço de compartilhamento das experiências entre as

participantes associada às vivências e práticas de técnicas vocais e de comunicação.

As oficinas foram realizadas por meio da Plataforma Microsoft Teams, Microsoft Office 365, cujas comunicações de rede são criptografadas por padrão pela exigência de utilização de certificado e usando OAUTH, TLS, Protocolo RTP Seguro (SRTP). Todas as participantes foram cadastradas, para que pudessem estar no ambiente da pesquisa. O link disponibilizado permitia o acesso ao TCLE e ao Termo de Cessão de Uso da Imagem e da Voz para fins científicos e acadêmicos, no qual as participantes clicavam em “concordo” para efetivar sua participação e concordância. As participantes foram orientadas a fazerem o download do TCLE para arquivo.

· *Técnica de Análise*

A média de duração de cada oficina foi de 100 minutos, os encontros foram gravados em áudio e vídeo e posteriormente transcritos. As transcrições foram analisadas seguindo as técnicas de análise de dados qualitativos da abordagem da hermenêutica-dialética (7,8). Nesse contexto, a análise foi conduzida com base em categorias analíticas pré definidas, estrategicamente alinhadas com os objetivos do estudo. Durante a aplicação do método e a subsequente análise dos dados, as categorias analíticas empíricas emergiram de maneira progressiva. Essas categorias empíricas foram então comparadas às categorias analíticas predefinidas, com o propósito de identificar inter-relações e interconexões entre elas. Esse processo culminou na identificação de categorias centrais, as quais serão descritas posteriormente.

Roteiro Semiestruturado da Oficina - “Ateliê de Comunicação”

Aquecimento

1. Aquecimento Inespecífico

Exercício: *Dando uma qualidade para Sua Voz*

Solicitar a cada participante que se apresente, diga seu nome e em seguida apresente uma característica que percebe da sua voz.

2. Aquecimento Específico

· Exercício: *Características da Minha Voz*

Solicitar que cada participante escolha quatro características da sua Voz. Tentando exemplificar essas características aplicando e demonstrando com a própria voz durante a fala. Exemplo: “minha voz é forte”, durante a emissão dessa frase, a palavra forte será emitida com uma voz grave e firme.

· Exercício: *Voz Preferida*

Solicitar a cada participante a pensar em uma voz preferida, uma voz que admira ou que tem como referência, e descrever uma ou mais características desta voz.

2. Desenvolvimento

·Exercício: *Situações de Comunicação Marcantes*

Orientar que as participantes busquem na memória uma ou mais “situações de comunicação interpessoal marcantes que envolveram sua voz”. Iniciando uma reflexão sobre a mesma e em seguida, abrir espaço de fala espontânea, visando a construção de narrativas orais compartilhadas por cada pessoa com todo o grupo.

· Exercício: *Voz, Comunicação e Papéis Sociais*

Solicitar que as participantes identifiquem quantas vozes diferentes utilizam em seu cotidiano, nas mais variadas situações. E partir dessa identificação nomear essas vozes. Em seguida explorar junto às participantes as diversas características vocais que podemos apresentar de acordo com os nossos papéis sociais e os impactos de cada uma delas pode ter na autopercepção, nas emoções, no bem-estar e nas relações interpessoais.

· Exercício: Título do exercício: *"Explorando e Fortalecendo sua Expressão de Gênero na Comunicação"*

Iniciar a vivência prática com algumas técnicas vocais e de comunicação, selecionadas a partir das falas e percepções mencionadas durante o encontro.

3. Momento final - Partilha:

Abrir os comentários, promovendo diálogo com as participantes sobre os pontos que mais as impactaram durante a oficina e investigando os aspectos que foram mencionados com maior frequência nas falas apresentadas durante a prática.

Tabela 01. Roteiro semiestruturado da oficina.

RESULTADOS

Foram realizadas três oficinas que contaram com a participação de quatro mulheres trans entre 25 a 31 anos. Os nomes das participantes foram substituídos por pseudônimos, visando resguardar suas identidades. A descrição das participantes encontra-se na tabela 02. Três das participantes passaram por acompanhamento fonoaudiológico prévio para aprimoramento da voz e da comunicação.

Participantes	Idade	Tempo de início do processo de transição de gênero	Realização de cirurgia laríngea	Acompanhamento Fonoaudiológico
Anne	31 anos	02 anos	não	Sim, mas só 2 ou 3 sessões.
Diane	28 anos	06 meses	não	Sim, pelo ambulatório trans, foi um tempo curto mas muito importante.
Vivienne	30 anos	04 anos	não	Sim, acho ótimo. Muitas mudanças positivas.
Stella	26 anos	01 ano e 02 meses	não	Não

Tabela 02. Caracterização das participantes.

Lembramos que o presente estudo foi conduzido com o objetivo compreender a percepção de mulheres trans sobre a relação entre voz e expressão de gênero, bem como analisar o impacto dessa interação no bem-estar social.

A análise dos dados foi conduzida com base em categorias analíticas pré definidas, alinhadas com os objetivos do estudo, sendo elas: “Identidade vocal” e “Papel da Voz e Comunicação em Contextos Sociais”.
Realizou-se a comparação entre as categorias analíticas e as empíricas, buscando inter-relações e interconexões entre elas e culminando na identificação das seguintes categorias centrais:

1. Autopercepção da própria voz;

2. Referência e predileção vocal;

3. Estratégias de Comunicação Interpessoal em Função de Papéis Sociais;

4. Situações de comunicação;

5. Desconforto com a própria voz.

Nesta seção, apresentaremos essas categorias que emergiram a partir da análise dos dados coletados, as quais representam os principais temas e padrões identificados durante o estudo, refletindo as experiências e percepções das participantes.

Categoria 1. *Autopercepção da própria voz*

As mulheres trans foram convidadas a se apresentar e a descrever a própria voz associando a uma palavra que pudesse descrever e qualificar suas vozes, compartilhando assim uma característica vocal autopercebida. Os relatos das participantes foram:

*Anne: [...] acho que a minha voz é **eloquente**.[...]*

*Diane: [...] minha voz é **cansada**. [...]*

*Vivienne : [...] Eu acredito que a minha seja **mutável**, só vai muito com meu humor. [...]*

*Stella: [...] A minha voz é **inconsistente**. [...]*

Além dos qualificadores imediatos, as participantes trouxeram outras características da voz e da comunicação, que envolveram:

*Anne: [...] Eu considero minha voz **grave, e…leve**, as vezes **nasal**, a vezes **masculina**[...]*

*Diane: [...] Minha voz é **cansada**, ... **esganiçada**, depende de quem eu tô falando ... é mais **baixa e ausente**... às vezes, para mim, **falta a voz**, ... **numa conversação muito comprida** ou numa vivência um pouco maior, daí aos pouquinhos eu vou perdendo mesmo, **não só a qualidade, e além do volume, eu vou perdendo a voz**[...]*

*Vivienne: [...] Hoje eu diria que ela está **andrógina**, mas ela já não está mais masculina, sabe? Porque eu já tentei manter mesmo. Você pode ver que eu não fiz nenhum exercício hoje, e ela já mantém-se num tom assim... Eu acho*

*que é um pouco aceitável... **se eu me esforçar e fazer o exercício, aí fica feminina mesmo**. [..]*

*Stella: [...] Eu coloquei **desafinada, aguda, rouca e inconsistente**. Agora vamos às colocações, né? Eu acho desafinada..., às vezes eu falo ela mais aguda e às vezes eu falo ela, bem assim. Então quando eu tento falar ela mais rápida, a minha voz fica mais aguda, agora, quando eu vou falar mais normal, ela começa a ficar mais grave, né? [...]*

Pode-se afirmar que parte das mulheres trans não consideraram a própria voz como feminina, mas acreditam que a voz possa estar não sendo mais percebida como masculina por parte dos ouvintes após a realização de exercícios vocais, além de uma maior caracterização negativa em outros aspectos, e discursos mais voltados em como a voz tem potencial para ficar tanto aguda, quanto grave, e em como isso pode ser confortável ou desconfortável a depender de com quem se está dialogando, em qual situação de comunicação, e em que meio se está inserido no momento da comunicação.

Categoria 2*. Referência e predileção vocal*

De acordo com os relatos que partiram dos diálogos entre mediadora e participantes, "Quando você gosta de uma voz grave que citou em outro momento, é porque você acha bonito ou porque você se identifica? Você acha que também fala assim?", as respostas foram:

Anne: [..] ***A voz que eu gostaria de ter seria uma voz que fosse lida, independente, como uma voz feminina, socialmente, mesmo que mais grave.*** *[...] É…agora eu não sei se a minha é assim, eu não tenho essa referência , essa visão meio de fora, eu acho que a minha é um pouco mais dura, do que a 'moça do tempo', um pouco mais escrachada, menos polida que a delas e tá tudo bem também, porque* ***acho que não é minha personalidade aquela coisa super controlada.*** *[...]*

Diane: [...] Eu acredito... que uma ***voz presente****, ela está muito mais ligada em como a pessoa se coloca, por mais que a voz não tenha tanto volume, talvez, ainda seja uma voz que seja escutada e que ela preencha de alguma forma. [...] Essa coisa de preencher tem vertentes,* ***e tanto vozes muito fortes como vozes mais suaves****, elas podem preencher de alguma forma. [...]*

Novamente é trazido à tona a demanda de ter uma voz que seja ouvida, presente e que impacte a comunicação com outras pessoa. Demonstrando assim a importância de uma voz condizente com a personalidade, indo além de uma necessidade de possuir uma voz que seja interpretada apenas como feminina por parte dos ouvintes., mas uma voz que represente a si, que seja reconhecida e ocupe lugares e situações.

Nesse sentido, quando analisadas as discussões sobre suas preferências vocais, sobre vozes que consideravam representativas, no sentido de ocupar espaços e representar quem fala, as participantes trouxerem as seguintes reflexões:

Anne: [..] Vozes faladas, [...] ***tem uma voz muito grave****, a* ***Linniker*** *que é uma mulher trans da voz super grave também, essas mulheres que eu tenho usado como referência.*

Diane: [...] eu gosto de vozes femininas, né? [...] ***tenho admiração pelas que tem muita entonação, um pouco diferente do habitual*** *[...]* ***aquela coisa profunda*** *[...] nossa, e ela não é uma voz super feminina [...] Outra voz também [...] é doce, bem* ***doce, doce****, a voz. Eu acho muito legal. Eu gosto muito da voz dela. [...]* ***queria ter aquela, essa é uma que eu queria ter pro meu dia a dia****, ela conversando com as pessoas, você vê aquela voz dela, assim é fantástico, é?*

É são, são vozes que eu acho muito lindo.

Eu acho que é porque assim, no meu ponto de vista, ***é porque elas são mulheres muito empoderadas****, assim.* ***Elas têm persuasão na fala muito grande****. Eu acho muito legal. Eu acho que deve ser por isso que me atrai nessas vozes né? São vozes que você não consegue contrapor, assim, você só escuta e admira, né?[...]*

Stella: [...] Sandra Annenberg. Assim. Aquela voz que a voz dela não é nem aquela voz muito aguda que você se irrita de escutar e ela também não é aquela voz muito rouca, ela ***é uma voz mais tênue*** *[...]* ***não em questão de agudos e graves, mas assim, de consistência de voz****. [...]*

Conforme visto nos relatos, as participantes trouxeram aspectos da voz que se assemelham à personalidade. Configuram vozes com tonalidades próximas das que possuem e ainda, que transmitem uma maior credibilidade e segurança na voz. Pensando nisso, existe uma busca por expressão mais autêntica, utilizando a voz de uma forma mais confortável, possibilitando uma emissão com mais confiança.

Categoria 3. Estratégias de Comunicação Interpessoal em Função de Papéis Socias

As participantes foram solicitadas a deliberar sobre a variedade de registros vocais que empregam em suas interações diárias, em consonância com os diferentes papéis sociais que desempenham em seu cotidiano e de acordo com seus diferentes interlocutores. As discussões nessa temática abordaram:

*Anne: [...]Tem duas **situações extremas** que acontecem no **trabalho**, quando eu tô dando aula ou tô ensaiando eu sinto a voz muito masculina, acho que porque é um negócio sério e **eu preciso me impor de alguma maneira, um negócio de autoridade** ali que eu preciso de impor de alguma maneira [...]*

*Diane: [..] Então tem a voz tranquila que eu falo com vocês agora. **Uma voz mais profissional que eu tento projetar**, geralmente essa voz que me deixa cansada, que eu tenho que fazer com que todos entendam o que estou falando, **é minha voz de discussão**[...]*

*Vivienne: [...] Aí quando chega **no ambiente de trabalho**, que é a escola, é um exercício pra você ir pro trabalho, né? Então **uma mulher chega lá na frente pra falar**, **só vai ser entendida** se ela fizer isso, **se ela colocar imposição na voz** dela para o curso, se comunicar de forma firme, né? Objetiva, na minha opinião. [..]*

Stella: [...] As vozes que eu noto que eu tenho são as do quotidiano do dia a dia, que é aquela que eu falei que ela é mais inconsistente. Tem a minha voz,

***aquela voz profissional**, que é aquela voz que eu tento inflar mais o peito, respirar mais um pouco, me colocar na postura para falar. **Mas eu noto que não fica algo tão natural** [...]*

Categoria 4. Situações de Comunicação

Acerca das situações de comunicação vividas pelas participantes em seus diferentes contextos sociais, os relatos que compuseram essa categoria foram os seguintes:

Diane: [..] já aconteceu das pessoas não ligarem a minha voz com a minha aparência, isso acontece bastante inclusive. Porque eu sou grandona pra caramba. Por telefone, me tratarem no feminino, tranquilinho. [..] Aí quando me verem fica aquela situação, que, tipo, "Nossa, desculpa, nossa, eu não sabia..." Mas aí também a gente já está cansada de dar a cara toda hora. [...]

Vivienne: [..] no telefone, é, ele tem um, sistema, alguma coisa que ele deixa uma característica da sua voz num tom diferente, sabe? pode ser um tom diferente, agudo ou grave. [...] Então assim eu tenho que me esforçar mais com toda ligação telefônica, mas isso é interessante, porque aí você descobre se ela está feminina ou não, porque se a pessoa do outro lado vai interpretar como uma voz feminina quer dizer que ela está mesmo [...] Uma situação é, comprar um bilhete de passagem, aí tem o talk, que ele é aquela bolachinha que você fala com o caixa do outro lado. [...] E aquilo ali é ótimo, porque tem sua voz, né? Aí, se a pessoa já interpreta e nem olha na sua cara, ele já vai passar na linha falando, "Pronto, senhora, está aqui", é o que eu quero. Essa

passibilidade da voz também é importante e isso é marcante também na vida da gente. [...]

Stella: [...] E eu acho que a maioria de todas as pessoas trans, pessoas que não têm voz consistente, é aquela bela ligação, né? "Senhora, senhor", você atende, você faz, "Tá bom, senhora, tá bom, senhor", aí você fica "Meu Deus, a pessoa não está entendendo", não sabe que eu sou uma mulher ou a pessoa pensa que eu sou um homem trans, entendeu? [...]

Anne: [...] por exemplo quando estou namorando ou flertando, [...] no caso eu sinto atração sexual romântica por homens, então quando estou flertando com essas pessoas, [...] então como no flerte eles me tratam como a mulher que eu sinto que sou, é uma situação em que não sinto muita disforia, e começa a desabrochar uma identidade muito oposta a essa do trabalho que é mais 'masculina'. [...]

Vivienne: [...] aqui dentro de casa, com meus familiares eu costumo relaxar, né? Eu uso uma voz, assim, mais é, mais natural [...] você sabe que você está entre amigos, né? Você relaxa, você precisa ficar. É. Não precisa ficar projetando, a comunicação super super desenhadinha assim, né? Já ambiente de serviço ou uma coisa assim, aí eu usaria mais, assim, uma voz bem técnica mesmo [...] Que a gente luta para isso, né? Para ter essa passibilidade. É querendo ou não, é uma expressão, é para expressar essa mulher que está dentro, né? [...]

Categoria 5. Desconforto com a própria voz

Neste momento, as mulheres trans foram convidadas a refletir a respeito de episódios vividos relacionados a situações de comunicação em que sentiram desconforto relacionado à autopercepção vocal ou como suas vozes foram percebidas por outras pessoas.

Anne: [...] Eu começo a ter disforia vocal porque acho que começo a falar mais grave e mais dura. [...]

Diane: [...] Minha história com a voz, é, tem muito a ver com disforia também, foi uma das primeiras coisas que me afetou quando estava passando na puberdade. É, eu não me entendia ainda enquanto pessoa trans, mas eu sabia que aquela mudança ali, quando sua voz está passando de uma região para outra, aquilo me afetou muito. E foi até então, quando eu me percebi enquanto pessoa trans e busquei ajuda no ambulatório, que aí sim, eu vi que dá para melhorar um pouquinho.

Stella: [...] eu ficava com essa voz na puberdade, assim, ó, oscilando entre o agudo e o grave, e o agudo, e o grave, então eu achei que minha voz ficou um pouco rouca, não é algo que me incomoda, me incomoda por exemplo, eu como modelo, já tentei fazer vários castings, por exemplo, até para propaganda em televisão, e algo assim que me bloqueia em questão do casting por causa da minha voz. [...]

DISCUSSÃO

É possível afirmar que a sensação das características vocais é subjetiva, baseada em critérios pessoais e impressões prévias do falante e do ouvinte, sendo a classificação das características vocais e de comunicação muito variada, contando com diversos tipos de percepção para uma mesma pessoa(1,2).

A relação das mulheres trans com a autopercepção da voz aponta para um impacto psicossocial substancial, conforme indicado por estudos anteriores (4,5). Isso destaca a necessidade de uma avaliação mais aprofundada das questões subjetivas que essas mulheres enfrentam em diversas situações envolvendo a voz, e como isso afeta a comunicação e suas vidas cotidianas.

As características compartilhadas durante as oficinas destacaram a importância de expressar qualificadores relacionados à voz e à identidade de gênero, com o propósito de compreender e dar significado às autoavaliações e percepções dessas mulheres em relação à própria voz. Consequentemente, a maioria desses qualificadores, neste estágio inicial, tratavam de queixas vocais que estavam relacionadas a reflexões sobre a voz e a expressão de gênero, bem como abordava outros aspectos relacionados ao uso da voz dentro de um contexto mais amplo de comunicação.

As queixas vocais em mulheres trans podem estar relacionadas também ao uso laboral da voz, surgindo frente à necessidade de estabelecer comunicação com o outro, sendo referida como algo que pode ou não trazer uma representação efetiva de cada pessoa, ou ainda, que precisa de alguma modificação, compreendendo a existência de grande demanda vocal e comunicativa como queixa recorrente (11). Nesse aspecto um estudo realizado com mulheres trans brasileiras (12), constatou-se que 29% da amostra referiu que a sua voz afeta negativamente o seu reconhecimento como mulheres, 45%, que a sua voz não está em consonância com a sua aparência física, 67% relatou que gostaria de realizar mudanças na voz e 80% de que expressaram o desejo de modificar suas vozes para torná-las mais femininas.

Ao abordarmos as perspectivas subjetivas das mulheres em relação às queixas mencionadas, podemos elucidar a compreensão de seus sentimentos diante dessas situações e a maneira pela qual tais circunstâncias impactam em sua saúde e bem-estar.

Com base nesses relatos, é possível inferir que muitas mulheres trans podem apresentar uma percepção desfavorável de suas vozes, embora já se sintam confortáveis com ela em relação à expressão de gênero. Essa autopercepção vocal é influenciada também por diferentes fatores sociais, externos e fora do autocontrole da pessoa que fala (5), impactando diretamente na forma como elas percebem e modelam seus registros vocais e demais traços da comunicação como entonação, intensidade e articulação.

Desse modo em uma abordagem fonoaudiológica com pessoas trans, além das medidas clínicas e dos protocolos de avaliação, é importante considerar a percepção individual em relação à voz e à comunicação, pois as auto percepções sobre o funcionamento da voz e seu impacto na vida cotidiana de mulheres trans são informações para além do caráter avaliativo, acrescentando validade ao bem-estar geral dessas pessoas (19)

O gênero abrange significados que vão além de aspectos meramente anatômicos, abarcando também dimensões sociais. Isso inclui a possibilidade de não se identificar com o sexo designado ao nascimento, afetando a percepção tanto do próprio corpo quanto da comunicação (1,2). Em simultâneo, o conceito de gênero está relacionado à forma como uma pessoa expressa sua identidade em um contexto cultural, sendo fortemente influenciado pelas experiências sociais que ela vivencia (1).

Importante relacionar as percepções apresentadas pelas participantes com questões sociais que influenciam o bem estar. Pessoas trans são amplamente documentadas na literatura científica como apresentando uma saúde mental e física mais fragilizada, além de uma maior incidência de questões sociais em comparação com a população em geral (1). Essas pessoas enfrentam o que é conhecido como estresse de minorias, uma vez que se acredita que essas experiências desempenhem um papel significativo nos desequilíbrios de saúde

e bem-estar (20). O estresse de minorias se refere aos fatores de estresse específicos enfrentados pelos membros de comunidades mais vulneráveis como resultado de pertencer a essa comunidade (21).

Como ilustrado por uma das participantes deste estudo, que descreveu sua voz como sendo baixa e quase imperceptível, podemos observar como o uso literal da voz se sobrepõe às questões relacionadas aos contextos comunicativos. Essas situações podem resultar na invisibilidade da voz da mulher trans em diversas esferas da sociedade, como destacado por essa participante.

As práticas discursivas (22) empregadas durante a comunicação exercem um impacto significativo na interpretação do posicionamento sociocultural de um falante. Estando essas práticas relacionadas à forma como as pessoas expressam seu pertencimento social e cultural através de sua expressão vocal, uma vez que a voz de um falante pode transmitir informações cruciais sobre sua identidade social e cultural, sendo moldada ao longo da vida por influências socioculturais e experiências pessoais. Portanto, a interpretação do posicionamento sociocultural de um falante pode ser realizada com base em sua expressão vocal (22). Sendo assim, a identidade vocal é um fator importante no processo de expressão da identidade social da mulher trans, e entender quais as referências vocais que elas possuem e preferem, essencial para auxiliar no processo de intervenção em voz e em comunicação.

Além dessas influencias internas os ouvintes desempenham um papel fundamental na interpretação do posicionamento sociocultural de um falante através de seu comportamento vocal, pois ao perceberem a voz em termos de categorias sociais, atribuem diferentes significados ao orador. Contudo, essa interpretação não é estritamente determinada pelo comportamento vocal do falante, pois os antecedentes e experiências socioculturais dos ouvintes podem levá-los a atribuir diferentes características sociais à mesma voz, em função da influência de normas, valores, crenças e expectativas culturais relacionadas a diversos aspectos, incluindo gênero, raça, etnia, classe e idade (22).

Consequentemente a voz quando não é lida socialmente de acordo o gênero com o qual a pessoa se identifica pode gerar incômodo em determinadas situações sociais, criando uma barreira de comunicação para as pessoas trans, podendo afetar situações diversas nos relacionamentos interpessoais, desenvolvimento dos estudos e acesso e desenvolvimento no mercado de trabalho.

As mulheres trans trouxeram em seus relatos a vivência que possuem em suas rotinas. Essas vivências partem do uso da voz divergente a depender das situações comunicativas e com quem se está comunicando. Essas menções reafirmam questões expressas anteriormente sobre como a voz pode se modular, variando de acordo com o ouvinte e com as diferentes situações de comunicação.

Os relatos das participantes trouxerem essa perspectiva de necessidade de modulação de acordo com o contexto, inclusive provocando sensações de incoerência quando da necessidade por exemplo do uso de uma voz considerada mais masculina em situações em que se requer uma maior autoridade, uma vez que essa voz é socialmente lida como mais firme e respeitável do que uma voz mais feminina. O que inclusive é descrito na abordagem dos fatores que influenciam as práticas discursivas, como quando, em algumas culturas ou comunidades, existem expectativas específicas em relação ao modo como homens e mulheres devem se expressar vocalmente, reafirmando que essas expectativas exercem influência sobre como os falantes ajustam sua voz para expressar sua identidade de gênero e sobre como os ouvintes interpretam o gênero de alguém com base em sua expressão vocal (22).

As participantes mencionaram ainda situações específicas que podem representar uma barreira de comunicação durante a interação social, as quais perpassaram por situações de desempenho no trabalho, receio ao falar ao telefone e de se relacionar romanticamente com outras pessoas. Em virtude disso pode inferir que obter uma voz com características cada vez mais femininas, pode ser um padrão desejado não apenas para se encontrar uma congruência e conforto quanto à identidade de gênero, mas também, no sentido de moldar a maneira de se comunicar com o propósito de obter reconhecimento

por parte dos ouvintes, com a expectativa de reforçar a confiança em seus relacionamentos e interações sociais. A partir da melhor compreensão dessas influências, melhores práticas podem ser desenvolvidas e aplicadas tanto na intervenção específica em voz e comunicação quanto na promoção à saúde integral dessas mulheres.

De acordo com a literatura, a análise da entonação vocal em um grupo composto por homens e mulheres cis e trans revelou que mulheres trans que adotam entonações ascendentes são percebidas como mais femininas, o que desempenha um papel crucial na percepção do ouvinte (23). Quanto à influência da entonação na percepção de gênero em vozes de mulheres trans (3) destaca que muitas delas buscam aprimorar sua voz e fala para ganhar confiança e expressar-se de maneira harmoniosa em um mundo ainda permeado por preconceitos. Além disso, há uma expectativa significativa por parte das mulheres trans de serem tratadas de acordo com sua identidade de gênero, mesmo em locais onde esses direitos já foram legalmente estabelecidos, como é o caso de serviços de saúde, onde episódios de transfobia institucionalizada ainda são frequentes (16).

Analisando as contribuições das participantes, a depender do contexto de comunicação e dos ouvintes, o comportamento vocal e a expressão da voz na comunicação podem variar, mesmo que as participantes já estejam se sentindo seguras em relação à congruência entre sua expressão vocal e identidade de gênero. Isso ocorre porque situações vocais específicas têm implicações distintas, sendo influenciadas pelo conforto na emissão vocal, a identificação pessoal com a própria voz e o quanto essa voz é percebida socialmente como feminina. Sendo assim, a autoaceitação, a receptividade social e a autoimagem desempenham papéis significativos nesse processo de construção.

Nesse sentido, o processo de transição de gênero pode ser facilitado mediante a intervenção fonoaudiológica a partir de uma perspectiva abrangente das influências individuais e socioculturais, proporcionando oportunidades de promoção à saúde, considerando o conforto e o bem-estar social. Logo a análise e pesquisa das demandas subjetivas (5) pertinentes a este grupo populacional aprimoram a capacidade de desenvolver estratégias mais efetivas de prevenção

e promoção da saúde. Um estudo (14) relacionou a qualidade de vida com a percepção vocal de pessoas trans em que se destaca, nos resultados, as respostas relacionadas ao Índice de Triagem para Distúrbio de Voz, onde 44,4% da amostra apresentou resultados que supõem distúrbios vocais, e quase todas as pessoas participantes alegaram queixa vocal durante a anamnese. Tais resultados podem se dar pela necessidade de adequação da voz às expectativas sociais relacionadas ao gênero, que condicionam as pessoas trans a modelar e tentar adaptar a voz, o que pode resultar em disfonias.

A metodologia deste estudo (09) proporcionou um ambiente seguro para as participantes, incentivando a reflexão e o compartilhamento de suas experiências de comunicação passadas. Além disso, promoveu a construção de novas experiências de comunicação durante a oficina, ressaltou a relevância do grupo como um meio de conexão estre as participantes, destacando o papel fundamental de cada pessoa envolvida e facilitando a superação de desafios (5,19).

É importante destacar que o ambiente das oficinas foi cuidadosamente concebido para garantir o conforto e a acolhida das participantes, mas também para as pesquisadoras, que receberam uma preparação específica para esse momento. Essa preparação envolveu aspectos técnicos relacionados à saúde integral das pessoas trans, bem como questões específicas apresentadas por mulheres trans. No entanto, foi dada uma ênfase especial no desenvolvimento de competências culturais. Isso incluiu estudos e experiências relacionados a questões sociais, de gênero, de sexualidade, de linguagem apropriada, de combate ao preconceito, ao estigma em saúde e aos determinantes sociais em saúde.

Vale ressaltar que a competência cultural em relação às questões sociais e de saúde das pessoas trans é uma habilidade que os profissionais de saúde devem desenvolver. Isso se deve à necessidade de adaptar as abordagens de saúde para atender às reais necessidades e demandas dessas pessoas, sem reforçar os padrões e estereótipos enraizados nas normas binárias de gênero. (3,17, 20).

Assim, em uma abordagem fonoaudiológica com mulheres trans, é fundamental proporcionar um ambiente de escuta ativa e promover diálogos abertos. Isso permitirá uma compreensão mais profunda das influências que afetam suas necessidades específicas relacionadas à voz e à comunicação. Essa abordagem se alinha com a visão de saúde integral e reconhece a importância de considerar as influências socioculturais que moldam as práticas discursivas dessas mulheres.

CONCLUSÃO

O presente estudo constatou que a voz é parte integrante e, muitas vezes, determinante, do cotidiano de mulheres trans, de maneira única e individual, causando forte ligação nas relações interpessoais, de gênero, de experiências vividas e de comunicação.

Compreende-se que a autopercepção vocal de mulheres trans associada à maneira como essa voz é percebida nos diferentes contextos de interação social pode influenciar tanto na comunicação, como na relação dessas mulheres com a própria voz e, consequentemente, com o conforto e a liberdade relacionados à sua comunicação, possibilidades de interação e posicionamento social.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

01. Coleman E, Radix AE, Bouman WP, Brown GR, de Vries ALC, Deutsch MB, et al. Standards of Care for the Health of Transgender and Gender Diverse People, Version 8. Int J Transgender Heal. 2022 Aug 19;23(sup1):S1–259.

02. Davies S, Papp VG, Antoni C. Voice and Communication Change for Gender Nonconforming Individuals: Giving Voice to the Person Inside. Int J Transgenderism. 2015 Jul 3;16(3):117–59.

03. Hancock AB. The Role of Cultural Competence in Serving Transgender Populations. Perspect Voice Voice Disord. 2015 Mar;25(1):37–42.

04. Hancock AB, Garabedian LM. Transgender voice and communication treatment: A retrospective chart review of 25 cases. Int J Lang Commun Disord. 2013 Jan;48(1):54–65.

05. Azul D, Hancock AB, Lundberg T, Nygren U, Dhejne C. Supporting Well-Being in Gender-Diverse People: A Tutorial for Implementing Conceptual and Practical Shifts Toward Culturally Responsive, Person-Centered Care in Speech-Language Pathology. Am J Speech-Language Pathol. 2022 Jul 1;31(4):1574–87.

06. Hersh D, Azul D, Carroll C, Lyons R, Mc Menamin R, Skeat J. New perspectives, theory, method, and practice: Qualitative research and innovation in speech-language pathology. https://doi.org/101080/1754950720222029942 [Internet]. 2022 [cited 2023 May 10];24(5):449–59.

07. MCS M. O desafio do conhecimento: Pesquisa qualitativa em saúde. 2014. 416 p.

08. Lorenzo C. Hermenêutica e Produção de Saber em Bioética. Fundamentos da Bioética VIEC 2016. Práxis Hermenêutica e Produção de Saber em Bioética. In: Fundamentos da Bioética, Vol III Editora CRV. 2016. p. 294.

09. RASERA, E.F. JAPUR M. Grupo como construção social: aproximações entre construcionismo social e terapia de grupo. 2007. 248 p

10. M B. Voz: o livro do especialista II. Rio de Janeiro; 2005. 592 p.

11. Deutsch M. Guidelines for the primary and gender-affirming care of transgender and gender nonbinary people. 2. ed. San Francisco: University of California; 2016.

12. Barra BGA, Gusmão ÚM de AS, Araújo ANB de. Self-perception of voice in transgender people. Rev CEFAC. 2020;22(4).

13. Byrne LA, Dacakis G, Douglas JM. Self-perceptions of pragmatic communication abilities in male-to-female transsexuals. Int J Speech Lang Pathol. 2003;5(1):15–25.

14. Dornelas R, Barroso Guedes-Granzotti R, Silva Souza A, Keslly Batista de Jesus A, da Silva K. Qualidade de vida e voz: a autopercepção vocal de pessoas transgênero. [cited 2021 Mar 26]

15. Sánchez-Fuentes MDM, de Araújo LF, Parra-Barrera SM, Fontes ÉRS, de Oliveira Santos JV, Moyano N. Transphobia and gender identity: Social representations of trans women from brazil and colombia. Cienc e Saude Coletiva. 2021;26(11):5793–804.

16. Mello L, Perilo M, Braz CA de, Pedrosa C. Políticas de saúde para lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais no Brasil: em busca de universalidade, integralidade e equidadePolíticas de salud para lesbianas, gays, bisexuales, travestis y transexuales en el Brasil: en busca de la universa. Sex, salud soc (Rio J) [Internet]. 2011;(9):7–28.

17. Costa LD da, Barros AD, Prado EA de J, Sousa MF de, Cavadinha ET, Mendonça AVM. Competência Cultural e Atenção à Saúde da população de lésbicas, gays, bissexuais travestis e transexuais (LGBT). Tempus Actas de Saúde Coletiva. 2017;11(1):105.

18. Smith CJ. Culturally Competent Care for Transgender Voice and Communication Intervention. Perspect ASHA Spec Interes Groups [Internet]. 2020 Apr 24;5(2):457–62.

19. Mills M, Stoneham G, Georgiadou I. Expanding the evidence: Developments and innovations in clinical practice, training and competency within voice and communication therapy for trans and gender diverse people. Vol. 18, International Journal of Transgenderism. Routledge; 2017. p. 328–42.

20. Quinn S, Hancock AB. Guidance for Research with Trans and Gender-Diverse People. Semin Speech Lang. 2023 Mar;44(2):119-136. doi: 10.1055/s-0043-1762568. Epub 2023 Mar 7.

21. Meyer, I. H. (2003). Prejudice, social stress, and mental health in lesbian, gay, and bisexual populations: conceptual issues and research evidence. Psychological Bulletin, 129(5), 674–697

22. Azul D, Hancock AB. Who or what has the capacity to influence voice production? Development of a transdisciplinary theoretical approach to clinical practice addressing voice and the communication of speaker socio-cultural positioning. Int J Speech Lang Pathol. 2020 Oct;22(5):559-570. doi: 10.1080/17549507.2019.1709544. Epub 2020 Feb 16.

23. Hancock AB, Colton L, Douglas F. Intonation and Gender Perception: Applications for Transgender Speakers. Journal of Voice, Vol. 28, No. 2; 2014.

6. LINHAS ENTRELAÇADAS (CONCLUSÃO)

A presente pesquisa culmina com a constatação de que a voz desempenha um papel de suma relevância, frequentemente assumindo uma função determinante na vida quotidiana de pessoas trans e daquelas que se identificam com gêneros diversos. Esta influência da voz estabelece uma conexão profundamente individualizada, com repercussões significativas nas dimensões das relações interpessoais, identidade de gênero, vivências pessoais e comunicação.

A autopercepção das características vocais e dos traços comunicativos subjacentes a esse grupo de indivíduos, bem como a maneira pela qual suas vozes são interpretadas em diferentes contextos sociais, revelam-se como fatores de relevante impacto sobre a esfera da comunicação. Tais influências, em última análise, reverberam na relação dessas pessoas com suas próprias vozes, desempenhando um papel fundamental no que concerne à sua sensação de conforto e liberdade na comunicação, além de moldar suas oportunidades de interação e seu posicionamento social.

Ao considerarmos abordagens fonoaudiológicas que visam analisar e compreender questões relacionadas à linguagem, comunicação e interação social, podemos observar a importância de um enfoque crítico que leve em conta a complexa teia de significados individuais, coletivos e sociais. Esse enfoque se torna fundamental para orientar a seleção e implementação de diferentes tipos de intervenções.

Reconhecer a riqueza semântica de abordagens em grupo como proposto neste trabalho, seja por meio de oficinas ou outros métodos fundamentados em teorias robustas, permite a análise dos das vozes e dos discursos sob uma perspectiva que enfatiza a prática discursiva relacional em vez de uma análise individualizada, seja de quem analisa ou de quem recebe a análise.

Nesse contexto, uma abordagem de saúde integral se configura como uma estratégia que incorpora a voz e a comunicação como elementos integrantes de um modelo abrangente de atendimento, ao mesmo tempo em que promove a partilha de conhecimentos e competências. A construção de significados e os

processos de ressignificação assumem uma natureza dialógica, desempenhando um papel de importância não apenas para os participantes envolvidos, mas também para os facilitadores do grupo. Uma vez que a posição social ocupada por pesquisadores ou terapeutas se revela como complexa, caracterizada por dimensões éticas e políticas, e influenciada por diversas crenças e questões socioculturais.

Essa proposta de abordagem discursiva se mostra profundamente enriquecedora em termos de significados que podem ser explorados em várias direções, tanto no contexto de pesquisa quanto de intervenção, especialmente no campo da fonoaudiologia, onde as questões relacionadas à diversidade de gênero permeiam todo o campo de atuação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AZUL, D.; HANCOCK, A. B. Who or what has the capacity to influence voice production? Development of a transdisciplinary theoretical approach to clinical practice addressing voice and the communication of speaker socio-cultural positioning. **International Journal of Speech-Language Pathology**, v. 22, n. 5, p. 559-570, out. 2020.

AZUL, D. *et al.* Supporting well-being in gender-diverse people: a tutorial for implementing conceptual and practical shifts toward culturally responsive, person-centered care in speech-language pathology. **American Journal of Speech-Language Pathology**, v. 31, n. 4, p. 1574-1587, 2022.

AZUL, D.; ZIMMAN, L. Innovation in speech-language pathology research and writing: Transdisciplinary theoretical and ethical perspectives on cultural responsiveness. **International Journal of Speech-Language Pathology**, v. 24, n. 5, p. 460-471, 2022

BARRA, B.G.A.; GUSMÃO, U.M.A.S.; ARAÚJO, A.N.B. Self-perception of voice in transgender people. **Revista CEFAC**, v. 22, 2020

BARROS, A.D. **A relação entre a voz e a expressão de gênero: a percepção de pessoas transexuais.** 84 f., il. Dissertação (Mestrado em Saúde Coletiva)—Universidade de Brasília, Brasília, 2017

BEHLAU, M. **Voz - o livro do especialista**. 1a ed. Vol 2. Rio de Janeiro: Revinter, 2005.

BYRNE, L.A.; DACAKIS, G.; DOUGLAS, J.M. Self-perceptions of pragmatic communication abilities in male-to-female transsexuals. **Advances in Speech Language Pathology**, v. 5, n. 1, p. 15-25, 2003.

COLEMAN, E. *et al.* Standards of care for the health of transgender and gender diverse people, version 8. **International Journal of Transgender Health**, v. 23, n. sup1, p. S1-S259, 2022.

COSTA, L.D. da *et al*. Competência Cultural e Atenção à Saúde da população de lésbicas, gays, bissexuais travestis e transexuais (LGBT). **Tempus Actas de Saúde Coletiva**, v. 11, n. 1, p. 105-119, 2017.
DACAKIS G. *et al*. **Beyond voice: perceptions of gender in male-to female transsexuals.** Curr Opin Otolaryngol Head Neck Surg, 20:165–170, 2012.

DAVIES S; PAPP VG; ANTONI C. Voice and communication change for gender nonconforming individuals: giving voice to the person inside. **Int J Transgen**. 16:117–159, 2015.

Dicionário Online - **Dicionário Caldas Aulete** - Significado de tecer. Disponível em: https://www.aulete.com.br/tecer. Acesso em: 01/07/2020.

DORNELAS, R. *et al*. Qualidade de vida e voz: a autopercepção vocal de pessoas transgênero. **Audiology-Communication Research**, v. 25, p. e2196, 2020.

Hancock AB, Garabedian LM. Transgender voice and communication treatment: A retrospective chart review of 25 cases. **Int J Lang Commun Disord.** 2013 Jan;48(1):54–65.

HANCOCK A.B; COLTON, L; DOUGLAS, F. Intonation and Gender Perception: **Applications for Transgender Speakers.** Journal of Voice, Vol. 28, No. 2, 2014.

HANCOCK A.B.; HASKIN G. Speech-Language Pathologists' Knowledge and Attitudes Regarding Lesbian, Gay, Bisexual, Transgender, and Queer (LGBTQ) Populations. American Journal of Speech-Language Pathology ,Vol. 24, 206–221, May 2015.

HANCOCK, A.B. The Role of Cultural Competence in Serving Transgender Populations. **Perspectives on Voice and Voice Disorders.** American Speech-LanguageHearing Association, 2015.

HERSH, Deborah *et al*. New perspectives, theory, method, and practice: Qualitative research and innovation in speech-language pathology. **International Journal of Speech-Language Pathology**, v. 24, n. 5, p. 449-459, 2022.

KAWITZKY, D.; MCALLISTER, T. The Effect of Formant Biofeedback on the Feminization of Voice in Transgender Women. Journal of Voice, 2019.

LEYNS, C. *et al*. Experiences of transgender women with speech feminization training: A qualitative study. In: **Healthcare**. MDPI, 2022. p. 2295.

LIONÇO, T. Atenção integral à saúde e diversidade sexual no Processo Transexualizador do SUS: avanços, impasses, desafios. **Physis - Revista de Saúde Coletiva**, vol. 19, núm. 1, 2009.

LORENZO, C. Práxis Hermenêutica na construção de referenciais teóricos e na análise de dados em pesquisa social na saúde. *In*: MENDONÇA, A.V.M.; SOUSA, M.F. (Org.). **Métodos e técnicas de pesquisa qualitativa em saúde**. Brasília: Editora ECoS, 2021. p. 86-118

LORENZO, C. Práxis Hermenêutica e Produção de Saber em Bioética. In: Sganzerla, A. Schramm, F. (org.). **Fundamentos da Bioética**, Vol III. Editora CRV, 2016.

MARCIA, A; ZAIDHAFT, S; MURTA, D. Transexualidade: corpo, subjetividade e saúde coletiva. **Psicol. Soc.**, Porto Alegre, v. 20, n. 1, p. 70-79, 2008.

MILLS, M.; STONEHAM, G.; GEORGIADOU, I. Expanding the evidence: Developments and innovations in clinical practice, training and competency within voice and communication therapy for trans and gender diverse people. **International Journal of Transgenderism**, v. 18, n. 3, p. 328-342, 2017.

MILLS, M.; STONEHAM, G.; DAVIES, S. Toward a protocol for transmasculine voice: a service evaluation of the voice and communication therapy group program, including long-term follow-up for trans men at the London Gender Identity Clinic. **Transgender Health**, v. 4, n. 1, p. 143-151, 2019.

MILLS, M; STONEHAM, G. **The Voice book for trans and non-binary people: a practical guide to creating and sustaining authentic voice and communication.** London; Philadelphia: Jessica Kingsley Publishers, 2017.

MILLS, M., STONEHAM, G., BARKER, M. J., RETIEF, C., & VAN HORN, E. **Voice and Communication Therapy with Trans and Non-Binary People: Sharing the Clinical Space.** Jessica Kingsley Publishers, 2020.

MILLS *et al*. 2019. Toward a Protocol for Transmasculine Voice: A Service Evaluation of the Voice and Communication Therapy Group Program, Including Long-Term Follow-Up for Trans Men at the London Gender Identity Clinic. **Transgender Health**, volume 4.1, 2019.

MINAYO, M.C.S. Hermenêutica-dialética como caminho do pensamento social. In: MINAYO, M.C.S.; DESLANDES, S. (Orgs.) **Caminhos do pensamento – epistemologia e método.** Rio de Janeiro: Ed. Fiocruz, 2002.

MINAYO, MCS. **O desafio do conhecimento: Pesquisa qualitativa em saúde.** 14. ed. São Paulo: Hucitec; 2014. 408 p.

MELLO, Luiz *et al*. Políticas de saúde para lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais no Brasil: em busca de universalidade, integralidade e equidade. **Sexualidad, Salud y Sociedad (Rio de Janeiro)**, p. 7-28, 2011.

MEYER, I. H. Prejudice, social stress, and mental health in lesbian, gay, and bisexual populations: conceptual issues and research evidence. **Psychological Bulletin**, v. 129, n. 5, p. 674–697, 2003.

MOLINI-AVEJONAS, D.R. *et al*. A systematic review of the use of telehealth in speech, language and hearing sciences. **J Telemed Telecare.** October 2015 21: 367-376, first published on May 29, 2015.

MOSQUETA M.S.; VILELA E SOUZA, L.; CORRADI-WEBSTER C.M.; Social Constructionist Resources for Investigating and Working with Groups in Health-care. In: RASERA, E. F. (Org.). **Social Constructionist Perspectives on Group Work.** Chagrin Falls, Ohio: Taos Institute Publications, 2015.

NOY C. Sampling Knowledge: The Hermeneutics of Snowball Sampling in Qualitative Research. **International Journal of Social Research Methodology**. 2008 Oct;11(4): 327-344.

PARKER, R. Intersecções entre estigma, preconceito e Discriminação. In: Monteiro, S. e Vilella, W. (organizadores) **Estigma e Saúde**. 1ª Ed. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz; 2012. p. 25-46.

QUINN, S.; HANCOCK, A. B. Guidance for Research with Trans and Gender-Diverse People. **Seminars in Speech and Language**, v. 44, n. 2, p. 119-136, mar. 2023.

RASERA, E.F. JAPUR, M. **Grupo como construção social: aproximações entre construcionismo social e terapia de grupo.** 1ª edição, São Paulo: Vetor, 2007.

RASERA, E. F. Social Construction and Group Work. In: RASERA, E. F. (Org.). **Social Constructionist Perspectives on Group Work.** Chagrin Falls, Ohio: Taos Institute Publications, 2015.

SÁNCHEZ-FUENTES, M.M. *et al*. Transphobia and gender identity: social representations of trans women from Brazil and Colombia. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 26, p. 5793-5804, 2021.

SEBASTIÃO, T.F.; CONSTANTINI, A.C; DE CAMPOS FRANÇOZO, M.F. Mulheres transgênero: suas narrativas sobre saúde, voz e disforia. **Distúrb. comun**, p. 54938-54938, 2022.

SMITH, C.J. Culturally Competent Care for Transgender Voice and Communication Intervention. **Perspectives of the ASHA Special Interest Groups**, v. 5, n. 2, p. 457–62, abr. 2020.

SOUZA, A.P.R. *et al*. O grupo na fonoaudiologia: origens clínicas e na saúde coletiva. **Revista CEFAC**, v. 13, p. 140-151, 2011.

SPINK, M.J.; MENEGON, V.M.; MEDRADO B.. Floating Meanings: Dialogical Uses of Workshops in Research Settings. In: RASERA, E. F. (Org.). **Social Constructionist Perspectives on Group Work.** Chagrin Falls, Ohio: Taos Institute Publications, 2015.

STRAUSS, P. *et al*. “Trans and gender diverse young people's attitudes towards game-based digital mental health interventions: A qualitative investigation.” **Internet interventions** vol. 18 100280. 5 Sep. 2019.

VILELA, F.C.A.; FERREIRA, L.P. Voz na clínica fonoaudiológica: grupo terapêutico como possibilidade. **Distúrbios da Comunicação**, v. 18, n. 2, 2006.

APÊNDICE A - ROTEIRO SEMIESTRUTURADO DA OFICINA - “ATELIÊ DE COMUNICAÇÃO”.

1. Aquecimento

Aquecimento Inespecífico

Exercício: *Dando uma qualidade para Sua Voz*

Solicitar a cada participante que se apresente, diga seu nome e em seguida apresente uma característica que percebe da sua voz.

Aquecimento Específico

· Exercício: *Características da Minha Voz*

Solicitar que cada participante escolha quatro características da sua Voz. Tentando exemplificar essas características aplicando e demonstrando com a própria voz durante a fala. Exemplo: “minha voz é forte”, durante a emissão dessa frase, a palavra forte será emitida com uma voz grave e firme.

· Exercício: *Voz Preferida*

Solicitar a cada participante a pensar em uma voz preferida, uma voz que admira ou que tem como referência, e descrever uma ou mais características desta voz.

2. Desenvolvimento

· Exercício: *Situações de Comunicação Marcantes*

Orientar que as participantes busquem na memória uma ou mais “situações de comunicação interpessoal marcantes que envolveram sua voz”. Iniciando uma reflexão sobre a mesma e em seguida, abrir espaço de fala espontânea, visando a construção de narrativas orais compartilhadas por cada pessoa com todo o grupo.

· Exercício: *Voz, Comunicação e Papéis Sociais*

Solicitar que as participantes identifiquem quantas vozes diferentes utilizam em seu cotidiano, nas mais variadas situações. E partir dessa identificação nomear essas vozes. Em seguida explorar junto às participantes as diversas características vocais que podemos apresentar de acordo com os nossos papéis sociais e os impactos de cada uma delas pode ter na autopercepção, nas emoções, no bem-estar e nas relações interpessoais.

· Exercício: Título do exercício: *"Explorando e Fortalecendo sua Expressão de Gênero na Comunicação"*

Iniciar a vivência prática com algumas técnicas vocais e de comunicação, selecionadas a partir das falas e percepções mencionadas durante o encontro.

3. Momento final - Partilha:

Abrir os comentários, promovendo diálogo com as participantes sobre os pontos que mais as impactaram durante a oficina e investigando os aspectos que foram mencionados com maior frequência nas falas apresentadas durante a prática.

APÊNDICE B - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO - TCLE

Convidamos o (a) Senhor (a) a participar do projeto de pesquisa “Identidade, subjetividade e comunicação: suas interrelações com as pessoas transexuais”, sob a responsabilidade da pesquisadora Alana Dantas Barros.
Trata-se de um projeto que busca compreender a ação da voz e da comunicação, na dimensão da identidade de gênero das pessoas transexuais, e as possíveis influências desta ação no cotidiano e na saúde destas pessoas.
O (a) senhor (a) receberá todos os esclarecimentos necessários antes e no decorrer da pesquisa e lhe asseguramos que seu nome não aparecerá sendo mantido o mais rigoroso sigilo pela omissão total de quaisquer informações que permitam identificá-lo (a). A sua participação se dará por meio de: a) responder a um questionário com perguntas fechadas e abertas, que abordam temas relacionados ao objetivo da pesquisa; b) participar de duas oficinas, com atividades que abrangem a voz e a comunicação, as quais serão gravadas em áudio e vídeo e posteriormente transcritas pelas pesquisadoras. As datas e horários serão combinados previamente entre a pesquisadora e os (as) participantes. O tempo estimado para participação é de trinta minutos para responder ao questionário, e de duas horas de participação em cada oficina. Não existem riscos ou desconfortos físicos associados a este estudo, no entanto pode haver algum incômodo ou desconforto durante alguma questão da entrevista. Se você aceitar participar, estará contribuindo para a ampliação de conhecimentos sobre autopercepção vocal e comunicação das pessoas transexuais, sendo que os resultados deste estudo podem auxiliar na compreensão da influência desses fatores no processo saúde-doença-cuidado, assim como na reflexão para construção de possíveis práticas da fonoaudiologia nesta área.
O (a) Senhor (a) pode se recusar a responder ou participar de qualquer questão ou atividade que lhe traga constrangimento, podendo desistir de participar da pesquisa em qualquer momento sem nenhum prejuízo para o(a) senhor(a). Sua participação é voluntária, isto é, não há pagamento por sua colaboração.
Todas as despesas que você tiver relacionadas diretamente ao projeto de pesquisa (tais como, passagem para o local da pesquisa, alimentação no local da pesquisa ou exames para realização da pesquisa) serão cobertas pelo pesquisador responsável. Caso haja algum dano direto ou indireto decorrente de sua participação na pesquisa, você poderá ser indenizado, obedecendo-se as disposições legais vigentes no Brasil.
Os resultados da pesquisa serão divulgados na Universidade de Brasília podendo ser publicados posteriormente. Os dados e materiais serão utilizados somente para esta pesquisa e ficarão sob a guarda da pesquisadora por um período de cinco anos, após isso serão destruídos. Se o (a) Senhor (a) tiver qualquer dúvida em relação à pesquisa, por favor, telefone, serão aceitas chamadas a cobrar, para: Alana Dantas Barros no número (61) XXXXXXXXX, ou envie e-mail para barrosad@aluno.unb.br ou telefone para Profª Dra Ana Valéria M. Mendonça, na Universidade de Brasília no número (61) 3107-1820. Este projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade de Ciências da Saúde (CEP/FS) da Universidade de Brasília. O CEP é composto por profissionais de diferentes áreas cuja função é defender os interesses dos (as) participantes da pesquisa em sua integridade e dignidade e contribuir no desenvolvimento da pesquisa dentro de padrões éticos. As dúvidas com relação à assinatura do TCLE ou os direitos do (a) participante da pesquisa podem ser esclarecidos pelo telefone (61) 3107-1947 ou do e-mail cepfs@unb.br ou cespfsunb@gmail.com, horário de atendimento de 10:00h às 12:00h e de 13:30h às 15:30h, de segunda a sexta-feira. O CEP/FS se localiza na Faculdade de Ciências da Saúde, Campus Universitário Darcy Ribeiro, Universidade de Brasília, Asa Norte, Brasília.

Este documento foi elaborado em duas vias digitais, uma ficará com a pesquisadora responsável e a outra com o (a) participante.

_____

Local e data

_____

PESQUISADOR RESPONSÁVEL
CPF:

_____

PESQUISADOR
CPF:

_____

PARTICIPANTE DO ESTUDO
CPF:

Declaro que li (__), compreendi (__) e concordo (__) com os objetivos e condições do meu envolvimento nesta pesquisa CONFIRMANDO este termo ao clicar no botão **(((CONFIRMAR)))** Caso não concorde em participar, apenas feche essa página no seu navegador.

(((CONFIRMAR)))

APÊNDICE C - TERMO DE CESSÃO DE USO DE IMAGEM E VOZ PARA FINS CIENTÍFICOS E ACADÊMICOS

Protocolo de Pesquisa, CAAE 51975315.4.0000.0030, CEP/FS-UnB, aprovado em 13 de Outubro de 2021.

Por meio deste termo, (Nome) (CPF), participante do estudo "Identidade, subjetividade e comunicação: suas inter-relações com as pessoas transexuais", de forma livre e esclarecida, cede o direito de uso das fotografias, vídeos e/ou voz adquiridos durante sua participação em estudo/pesquisa anterior, e autoriza a pesquisadora, Alana Dantas Barros, CPF XXX.XXX.XXX-XX, matrícula 18/0134647, bem como a Universidade de Brasília-UnB, responsável pelo trabalho a:

(a) utilizar e veicular as fotografias, vídeos e/ou voz obtidas durante seu tratamento clínico ou durante sua participação em estudo/pesquisa anterior na tese de doutorado em Saúde Coletiva do Programa de Pós-graduação em Saúde Coletiva, para fim de obtenção de grau acadêmico e/ou divulgação científica), sem qualquer limitação de número de inserções e reproduções, desde que essenciais para os objetivos do estudo, garantida a ocultação de identidade (mantendo-se a confidencialidade e a privacidade das informações), inclusive, mas não restrito a ocultação da face e/ou dos olhos, quando possível;

(b) veicular as fotografias, vídeos e/ou voz acima referidas na versão final do trabalho acadêmico, que será obrigatoriamente disponibilizado na página web da biblioteca (repositório) da Universidade de Brasília – UnB, ou seja, na internet, assim tornando-as públicas;

(c) utilizar as fotografias, vídeos e/ou voz na produção de quaisquer materiais acadêmicos, inclusive aulas e apresentações em congressos e eventos científicos, por meio oral (conferências) ou impresso (pôsteres ou painéis);

(d) utilizar as fotografias, vídeos e/ou voz para a publicação de artigos científicos em meio impresso e/ou eletrônico para fins de divulgação, sem limitação de número de inserções e reproduções;

(e) no caso de imagens, executar livremente a montagem das fotografias, realizando cortes e correções de brilho e/ou contraste necessários, sem alterar a sua veracidade, utilizando-as exclusivamente para os fins previstos neste termo e responsabilizando-se pela guarda e pela utilização da obra final produzida;

Participante _____

*Pesquisadora*_____

Pesquisadora Responsável _____

(f) no caso da voz, executar livremente a edição e montagem do trecho, realizando cortes e correções necessárias, assim como de gravações, sem alterar a sua veracidade, utilizando-as exclusivamente para os fins previstos neste termo e responsabilizando-se pela guarda e pela utilização da obra final produzida.

O participante declara que está ciente que não haverá pagamento financeiro de qualquer natureza neste ou em qualquer momento pela cessão das fotografias, dos vídeos e/ou da voz, e que está ciente que pode retirar seu consentimento, em qualquer fase da pesquisa, sem penalização alguma, salvo os materiais científicos já publicados.

É vedado ao(s) pesquisador(es) utilizar as fotografias, os vídeos e/ou a voz para fins comerciais ou com objetivos diversos da pesquisa proposta, sob pena de responsabilização nos termos da legislação brasileira. O(s) pesquisador(es) declaram que o presente estudo/pesquisa será norteado pelos normativos éticos vigentes no Brasil.

Concordando com o termo, o (a) participante de pesquisa e o(s) pesquisador(es) assinam o presente termo em 2 (duas) vias iguais, devendo APÊNDICE Dpermanecer uma em posse do pesquisador responsável e outra com o participante.

_____

Local e data

_____

PESQUISADORA RESPONSÁVEL
CPF:

_____

PESQUISADORA
CPF:

_____

PARTICIPANTE DO ESTUDO
CPF:

Declaro que li (__), compreendi (__) e concordo (__) com os objetivos e condições do meu envolvimento nesta pesquisa CONFIRMANDO este termo ao clicar no botão **(((CONFIRMAR)))**

Caso não concorde em participar, apenas feche essa página no seu navegador.

(((CONFIRMAR)))

APÊNDICE D - QUESTIONÁRIO PARA PARTICIPANTES DOS ATELIÊS DE COMUNICAÇÃO

1. Município/UF:
2. Idade:
3. Gênero: ( ) Mulher Transexual ( ) Travesti ( ) Homem Trans ( ) Não-binário ( ) Outra opção: _____
4. Você atualmente está: ( ) Solteiro(a) ( ) Casado(a) ( ) Namorando ( ) Outra opção: _____
5. Tem filhos? Sim, quantos? _____ Não
6. **Escolaridade:** Fundamental: ( ) completo ( ) incompleto Médio: ( ) completo ( ) incompleto Superior: ( ) completo ( ) incompleto ( ) pós-graduação
7. Profissão:
8. Há quanto tempo você começou a viver socialmente de acordo com o gênero desejado?
9. Faz uso de hormônios? ( ) Sim ( ) Não 9.1 Se sim qual(is)?

9.2 Há quanto tempo faz uso (anos; meses)?
10. **Fez alguma cirurgia?** SIM NÃO 10.1. Se sim e se sentir confortável para falar, qual(is)?
11. **11. Você deseja realizar mudanças corporais ou qualquer mudança que seja significativa para você?** SIM NÃO 11.1 **Se sim, qual(is)?**
12. **12. Você gostaria de fazer algum tratamento ou treinamento para a sua voz e/ou sua comunicação?** SIM NÃO 12.1 **Se sim, qual(is)?**
13. **13. Com base nas suas experiências de comunicação, o que você esperaria que este tipo de atendimento abordasse?**
14. Você já passou por algum tipo de Atendimento Fonoaudiológico? SIM NÃO **14.1 Foi em algum serviço do SUS ou particular?** SIM NÃO **15.1 Se sim, qual(is)?** **15.2 Como foi sua experiência?**

ANEXO A - PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP